

A full-page photograph of Lili Caneças, a Brazilian fashion icon, sitting on a plush, light-colored velvet sofa. She is wearing a long, flowing dress with a bold, colorful geometric pattern in shades of yellow, green, and blue. She has voluminous blonde hair and is wearing large, ornate earrings and multiple bracelets. Her hands are clasped in her lap. The background shows a dark wall with a gold-framed mirror.

REVISTA Bzzz

ANO 8 | Nº 102 | MAIO/JUNHO 2022 | R\$ 15,00

PARISOT

O SÍMBOLO
MUNDIAL

SAIBA QUEM FOI

O PORTUGUÊS DA
VIÚVA MACHADO

ARTE

O SERTÃO VIROU
MAR NAS CORES
DE AZOL

HOLOFOTES

AS FESTAS MAIS
BADALADAS DE NATAL,
BRASÍLIA E LISBOA

Ícone D'Alémar

VOCÊ PRECISA LER O QUE LILI CANEÇAS CONTOU-NOS. REVELAÇÕES NUNCA ANTES FEITAS POR ELA. PORTUGUESA DE VANGUARDA COM CERTEZA, LILI É SÍMBOLO DE ÉPOCAS E ESTILOS DE VIDA. CULTA E SEMPRE ELEGANTE, REINVENTA-SE SEM MEDO DE SER FELIZ



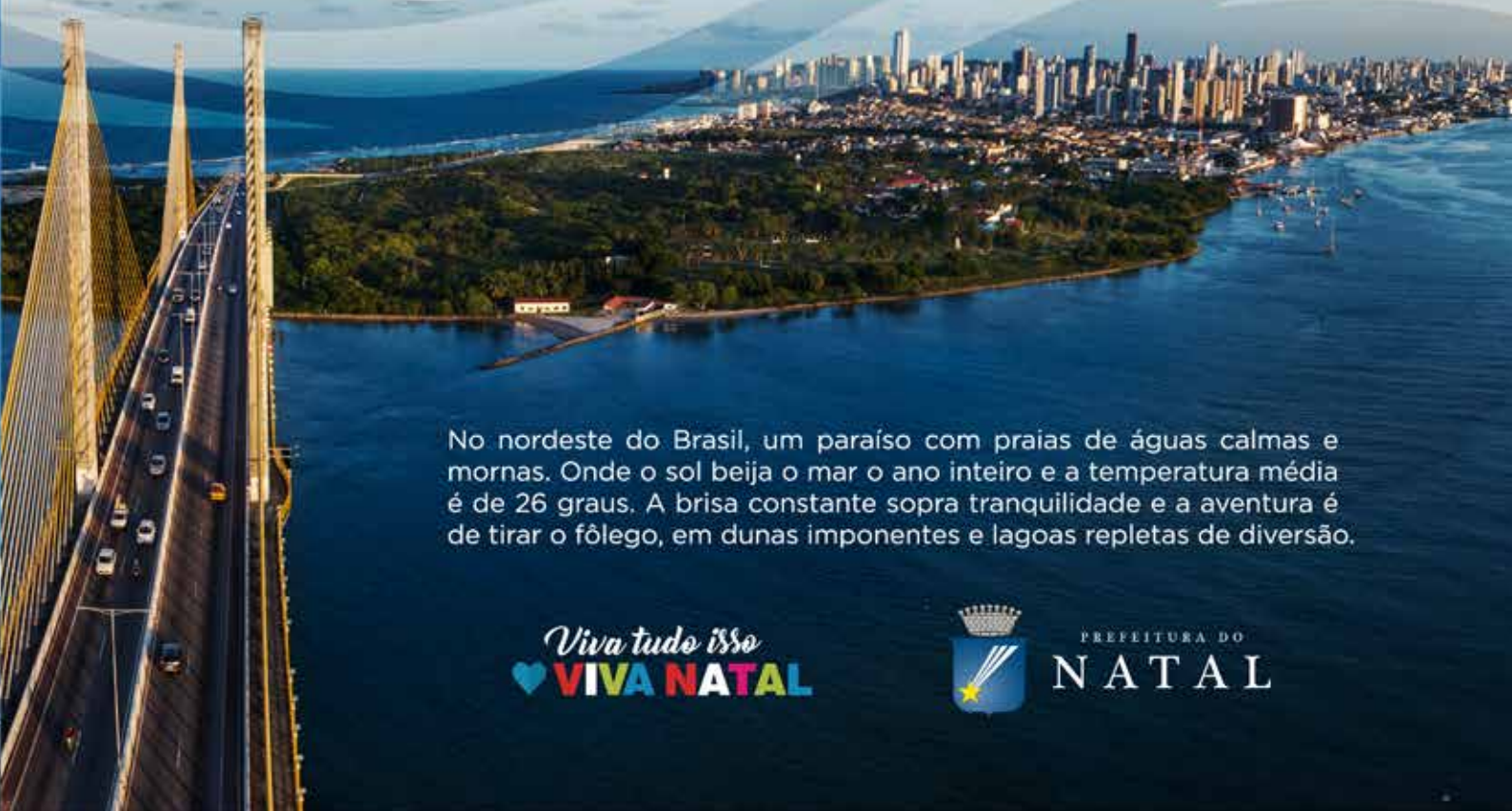
SUAS FÉRIAS MERECEM O

INESQU

VIVA NATAL



RECÍVEL



No nordeste do Brasil, um paraíso com praias de águas calmas e mornas. Onde o sol beija o mar o ano inteiro e a temperatura média é de 26 graus. A brisa constante sopra tranquilidade e a aventura é de tirar o fôlego, em dunas imponentes e lagoas repletas de diversão.

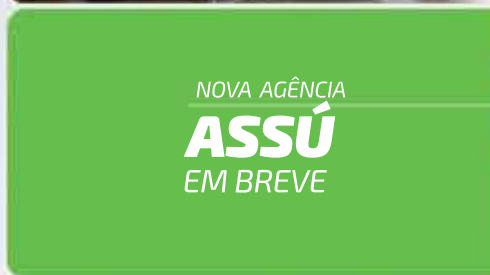
Viva tudo isso
 **VIVA NATAL**

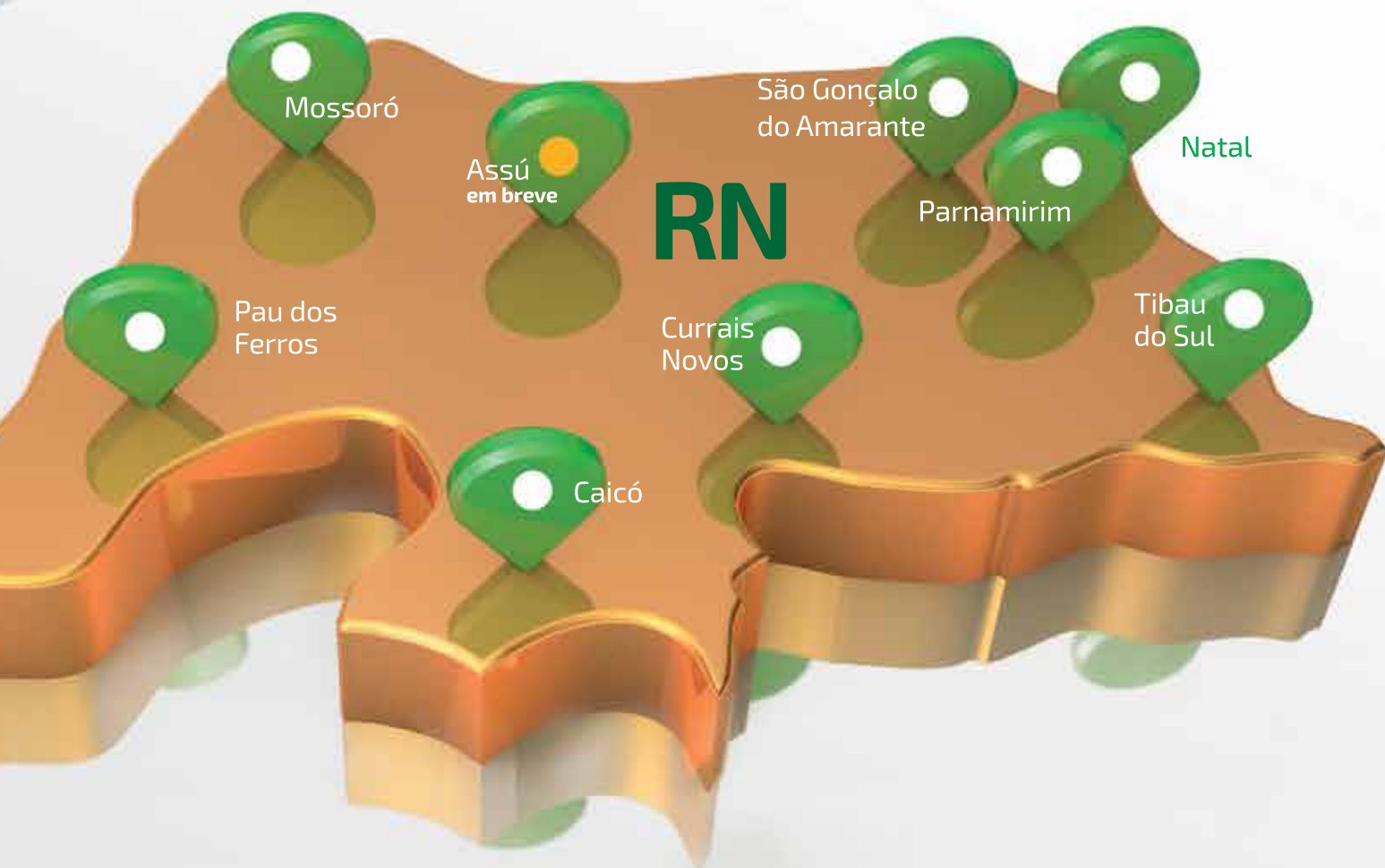


PREFEITURA DO
NATAL



**GENTE QUE COOPERA, CRESCE.
E ainda consegue
abraçar sua terra.**





O cooperativismo de crédito vem se tornando um dos grandes protagonistas do desenvolvimento potiguar. E a maior razão disso é a expansão da Sicredi Rio Grande do Norte, a maior e mais sólida instituição financeira cooperativa do Estado. Já são **8 agências em atividade** e mais uma que será **inaugurada em breve**. Unidades modernas, ambientalmente sustentáveis e operadas por uma equipe muito bem qualificada. Cada agência da Sicredi que chega em uma cidade significa mais vagas de trabalho formal, incremento no PIB per capita, **novos negócios, mais prosperidade e desenvolvimento para a região** e comunidades. Se você deseja as melhores soluções financeiras para sua vida ou sua empresa, venha fazer parte do time. **Já somos mais de 12 mil**, com voz ativa nas decisões e ganho certo nos resultados. Seja o protagonista do seu próprio crescimento. **Estaremos juntos**, apoiando você, de leste a oeste e de norte a sul do RN.

JUNTOS SOMOS MAIS. SOMOS SICREDI.

www.sicredi.com.br/riograndedonorte





**SERVIÇO
GRATUITO**



O SEBRAE VAI ATÉ VOCÊ PARA
AUMENTAR AS SUAS VENDAS.

#TAMOJUNTO



A força do empreendedor brasileiro

 **SEBRAERN**

 **DIGITAL.RN.SEBRAE.COM.BR**



NATAL.



 [cmnatrn](#)

 [@camaranatal](#)

 [camaranat](#)



**CÂMARA
MUNICIPAL
DE NATAL**

TRABALHANDO PELO BEM DA NOSSA CIDADE

De olho no futuro e nas necessidades globais, a Câmara Municipal de Natal aprovou o novo Plano Diretor, contemplando importantes tópicos para o crescimento planejado e sustentável.

As medidas são fruto do amplo debate e trabalho da Câmara e tornam a cidade um moderno vetor de expansão, com atrativos que vão muito além das suas indiscutíveis belezas naturais.

W
O
O
A

CIDADE DO SOL E DE GRANDES OPORTUNIDADES.



Escrever é preciso. Parar também é preciso

Exatamente nove anos. Ininterruptos. Nem a pandemia freiou-nos. A Revista Bzzz durante esses longos anos fez o maior resgate histórico do Rio Grande do Norte, de personalidades a patrimônios imóveis. De lugares inóspitos aos mais exuberantes paraísos. Rompemos divisas. E fronteiras. Atavessamos o Atlântico. Desembarcamos também nos Estados Unidos. Com uma bem disposta equipe de repórteres e colaboradores, fomos além RN e d'alémar para fazer o que mais gostamos: contar histórias. De lugares. De pessoas. De várias partes do Brasil. E do mundo. Até nos lugares maios isolados, como o asiático Laos. Revelamos gastronomias das mais típicas às mais curiosas.

Fizemos tanto. E temos muita estrada ainda por percorrer. Ares e oceanos. Mas, chega o tempo daquela pausa necessária. Reabastecer os motores e as turbinas é preciso. E este momento chegou. Já pertinho dos auspiciosos dez anos. Quem sabe até lá retomamos com a colmeia influenciada pelas leis de incentivo à cultura, já que somos celeiro de um cabedal de conhecimentos. Parar é preciso para nos dedicarmos aos projetos que nos levem à possibilidade de captação e canalização de recursos por meio dessas leis, tanto solicitadas por anunciantes que investem em diversidades culturais.

E é isto que faremos. Então, torçam para que consigamos finalizar o mais breve e retornar com gosto de mel. Enquanto isso, deliciem-se com esta edição, a última, antes do retorno que pretendemos. Páginas muito especiais que fazem a ligação que tanto prezamos: Natal e Lisboa. A começar por nossa entrevistada de capa: Lili Caneças. Acostumada a flashes, holofotes e entrevistas, foi à Bzzz que ela confiou a inusitada da sua vida, com revelações até então desconhecidas. Leiam. Releiam. Apreciem cada página desta doce edição, sem moderação. A todos os leitores, anunciantes, repórteres e colaboradores, o nosso, o meu muito obrigada. Fiquem com um abraço afetuoso.

Eliana Lima
Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznnoticias.com.br @revistabzzz Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

IVAN LIRA DE CARVALHO,

MINERVINO WANDERLEY,

NELSON MATTOS FILHO,

OCTÁVIO SANTIAGO

CAPA

ALEX COSTA

NÃO TRANSPORTAMOS
SÓ FUNCIONÁRIOS,
VAMOS ALÉM DISSO.

FAZEMOS A
LOGÍSTICA DA
SUA EMPRESA.



O Cartão Vale-Transporte NatalCard vai além de créditos eletrônicos. Suas vantagens agregam valor e proporcionam ao empregador, segurança e tranquilidade para o deslocamento diário casa-trabalho-casa dos seus colaboradores. **Adquirá já para sua empresa!**



**ATENDIMENTO
EXCLUSIVO**

CONSULTORES
QUALIFICADOS PARA
ORIENTAR SOBRE O
GERENCIAMENTO DE
CARTÕES VTE.



COMODIDADE

COMPRA E GESTÃO
ON-LINE DOS CRÉDITOS
ELETRÔNICOS DO
VALE-TRANSPORTE.



ECONOMIA

REDUÇÃO
DE CUSTOS COM
A INTEGRAÇÃO.



**INCENTIVOS
FISCAIS**

POSSIBILIDADE DE
DEDUÇÃO DO IMPOSTO
DE RENDA EM ATÉ 10%
NAS DESPESAS COM O
VALE-TRANSPORTE.



**QUALIDADE
DO SERVIÇO**

SEGURANÇA
E REDUÇÃO
DO TEMPO DE
EMBARQUE.

**Decreto nº 95.247/1987. Consulte o contador da sua empresa.

Cadastre a sua empresa, acesse o site ou o QR Code: natalcard.com.br/cad.php

(84) 3216.8450

natalcard

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho





14



34



70 | COLEÇÃO D'OURO
DA ANA ROCHA &
APPOLINARIO



18



44



72 | NIVER DE
JULIANA FLOR
NO JNcQUOI CLUB



22



53



74 | CASAMENTO
MARIANA
BAPTISTA E LUIS
HENRIQUE PÉREZ

78 | ARTIGO

VÁ DE ÔNIBUS COM OS CARTÕES NATALCARD, VOCÊ SÓ TEM A GANHAR!

- TECNOLOGIA
- ECONOMIA
- AGILIDADE
- SEGURANÇA



**CARTEIRA DE
ESTUDANTE
2022**

PARA ESTUDANTES
(LEI MUNICIPAL Nº 5.556/04)



**CARTÃO
MAIS SIMPLES
FREE**

PARA PESSOA FÍSICA,
GRATUITO.



**CARTÃO
PASSE FÁCIL**

PARA PESSOA FÍSICA,
RECARREGÁVEL.



**CARTÃO
PROFISSIONAL**

PARA PROFISSIONAIS LIBERAIS
QUE NÃO POSSUEM CNPJ



**CARTÃO VALE
TRANSPORTE**

PARA FUNCIONÁRIOS DE
EMPRESAS COM CNPJ



**CARTÃO
CARCHÁ**

PARA EMPRESAS COM CNPJ
(A PARTIR DE 1 FUNCIONÁRIO)

CONHEÇA MAIS SOBRE CADA UM DOS NOSSOS PRODUTOS NO SITE **NATALLCARD.COM.BR**



(84) **99179-7541**

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho



natalcard



natalcard.com.br



Azol e o sertão que virou mar

O Sertão Virou Mar

QUEM DISSE QUE O SERTÃO NÃO TEM COR? NAS OBRAS DO ARTISTA PLÁSTICO AZOL, A ARIDEZ É REVELADA EM DESLUMBRANTES CORES E TEM NO SEU CENÁRIO UM EXÓTICO CASTELO QUE REMETE A TRAÇOS MOURISCOS

Por Eliana Lima | Fotos: Bia Azevedo

Aimensidão do sertão nordestino transformou-se. De solo pedregoso para uma paleta de cores que transbordam um mar de beleza nos vastos traços do olhar, da sensibilidade e da arte de Azol, o produtor de cinema que enveredou-se pela vanguarda multidisciplinar para expressar a aptidão

de conhecimentos em pintura, escultura, colagem, mural, vídeo-arte e fotografia.

Irrequieto, respira a vontade de criar. E registrar. E foi da paixão que guarda dos tempos de criança que presenciou o sertão potiguar que esse cosmopolita se embrenhou pelas terras áridas para margear os

diversos cenários de vegetação do solo árido, dos sertanejos, das casas simples onde pode faltar comida, mas não falta alegria. E no meio da imensidão por vezes inóspita, eis que surge a imagem de uma grandiosa fortificação de impressionar até o cavaleiro fidalgo castelhano Dom Quixote.

Trata-se do imponente Castelo Zé dos Montes, erguido com pedra e cal sobre uma rocha da Serra da Tapuia, no município de Sítio Novo, a cerca de 100 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. A obra deixada por um sargento da reserva do Exército, que recebe seu próprio nome, durou mais de 30 anos para ser construída com inspiração na arquitetura mourisca. Encantou Azol. Que retratou em cores e formas fantásticas.

Tanto que ganhou um espaço especialmente dedicado na sua exposição “O Sertão Virou Mar”, que pode ser apreciada até o dia 24 de julho na Pinacoteca do Estado, em Natal. Além do esplendoroso castelo, Azol deu cores e beleza ao retrato da vida cotidiana do sertão nordestino brasileiro, de forma lúdica, em que mistura linguagens e estéticas, que passam por um burrinho solitário, vaqueiros cavalgando pela mata, um menino em momento do doce fazer nada deitado no chão. E mais.

Exposição que vem de um trabalho de pesquisa sobre o sertão que já dura 10 anos, com viagens a variados locais do Nordeste e conversas com o curador Marcus Lontra, que assim define o olhar e os traços de Azol: “Há um sertão que se apresenta pela paisagem árida, sofrida, repleto de carências e onde a vida e a morte se sucedem em meio ao vazio e ao silêncio. Há um sertão que se revela por meio da mitologia e da crença, que trans-

forma casebres em catedrais, melancolias em beleza rara e perturbadora. Há um sertão que habita a alma de todos nós, que recupera memórias, que descobre verdades e mentiras jamais vividas nesse território de fantasia. Há um sertão que resgata vários outros, que amplia a lembrança, alarga o olhar, aquece o coração como uma cantiga anti-

ga, relicário de lembranças. Azol passeia por suas terras, percorre suas paisagens e por fotografias, pinturas e até objetos, constrói um mundo que surge do talento e da sensibilidade do indivíduo da arte para espriar encantos, mistérios, descobertas que fazem da vida humana uma aventura pelos vários cenários do mundo”.



Visitantes apreciam

AZOL?

Sérgio Azevedo Oliveira nasceu em Natal, mas optou por morar em São Paulo, há cerca de 30 anos. Já participou de exposições coletivas em São Paulo, Nova York, Paris e nas Nações Unidas (ONU). E agora chega à sua terra natal: Natal.

Mas, por que Azol? Foi o nome artístico escolhido por ele numa junção das iniciais do sobrenome Azevedo Oliveira.

Fez o teste, considerou o nome forte, “com identidade e potencial”, e assim confirmou-se.



Antes do vernissage, o curador Marcus Lontra falou sobre a importância da arte na vida das pessoas



Azol e a esposa Carol Emerenciano com Marcus Lontra e o casal Renata e Elísio Araújo



LUZ, CÂMERA, SERTÃO!

A curiosidade de mar no sertão foi tanta que a noite de lançamento da exposição reuniu os mais diversos públicos na Pinacoteca, de amantes da arte a jornalistas, de poetas a imortais, de socialites a intelectuais. Amante da cultura nordestina, o juiz Ivan Lira de Carvalho, membro da Academia Norte-rio-grande de Letras e do Conselho Estadual de Cultural, disse-se “maravilhado” com a exposição: “Fico feliz quando a caatinga serve de inspiração para um artista do valor de Azol. Muitas pessoas escondem a caatinga dizendo que sua vegetação arbustiva só é bonita quando está verde, mas a exposição de Azol sepulta esse mito. A parte mais

crua da caatinga expõe-se na arte de Azol. Fiquei maravilhado”.

Amante das artes que frequenta cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, Arte Contemporânea e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, o promotor de Justiça Manoel Onofre Neto descreveu o cenário exposto como um “sertão absolutamente poético e de muita sensibilidade”. Observa que Azol, diante da imensidão do sertão, “faz ele virar mar, um mar de possibilidades estéticas e visuais tão vastas que se arvora de múltiplas linguagens, materiais e procedimentos: pinturas, fotomontagens com base em so-

breposições, vídeos e instalação”.

Pesquisadora e artista plástica, Ângela Almeida chama a atenção que Azol é habitante de metrópoles, mas “resiste, retém seu olhar voltado às terras de seus sertões de infância. “O grito de Cascudo: “Não gosto de sertão verde” ecoa no espelho das águas rasas e paradas, nas paredes do castelo de Zé dos Montes e nos vários outros sertões de Azol. E quem sabe, em um deles, o sertão virou mar”. Ângela se refere ao potiguar Luís da Câmara Cascudo, um dos maiores folcloristas da história do Brasil, que na década de 1930 embrenhou-se pelo sertão e o descreveu em páginas históricas.

PERÍODO

A exposição ‘O Sertão Virou Mar’ ficará na Pinacoteca do Estado até o dia 24 de julho, funcionando de terça a sexta-feira, das 8h às 17h; sábados e domingos das 10h às 16h.



Pinacoteca do Estado



Estenio Campelo

COM 50 ANOS DE AMOR E DEDICAÇÃO AO DIREITO, O ADVOGADO RELEMBRA SUA TRAJETÓRIA E OBSERVA AS POLÊMICAS EM TORNO DO STF, DO INDULTO CONCEDIDO AO DEPUTADO DANIEL SILVEIRA, A POLARIZAÇÃO NA DISPUTA PRESIDENCIAL E O JEITO BOLSONARO DE SER

Por Eliana Lima – De Brasília | Fotos: Paulo Lima

Um dos advogados mais tradicionais e respeitados de Brasília, o cearense Estenio Campelo completa, em 17 de dezembro, 50 anos de advocacia. Nascido em 21 de dezembro de 1948, em Crateús, Estenio Campelo está na capital da República desde 1965. Entre muitas conquistas, fez parte da turma fundadora da Faculdade de Direito do Centro Universitário de Brasília (UniCeub),

onde foi o primeiro Presidente do diretório acadêmico.

Pai dos advogados Guilherme e Andréa, seus sócios na Campelo Bezerra Advogados Associados, que coordena desde 1997, e do pequeno futuro advogado João Gabriel, Estenio recebeu diversas medalhas e condecorações ao longo de sua brilhante trajetória na advocacia: entre elas, os títulos de Cidadão Honorário de Brasília

e de Fortaleza e a Medalha Tiradentes, mais alta condecoração da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, dentre várias outras. Também atua como escritor, compositor e incentivador da arte.

Nesta entrevista exclusiva, Estenio Campelo faz um balanço da vitoriosa carreira e avalia objetivamente, com base em sua experiência jurídica, o atual quadro político brasileiro.

Como foi o início da sua atuação no meio jurídico do Distrito Federal?

EC - Eu sempre militei na área, desde o quarto ano de Direito, quando já trabalhava no escritório do Dr. Romeu Siqueira, no Edifício Goiás. Além do curso de Direito, fiz especialização em Direito do Trabalho e em Direito Tributário na Universidade Mackenzie. Depois, eu me graduei também em Administração de Empresas, mas o meu foco sempre foi a advocacia, na qual participei de todos os movimentos: fui Conselheiro três vezes da OAB-DF e fiquei por mais de 20 anos na Comissão de Direitos Sociais do Conselho Federal da OAB.

Qual é o foco do seu trabalho na advocacia?

EC - A minha carreira sempre foi voltada para os tribunais superiores. Também militei por cinco anos e meio na Justiça do Distrito Federal, em Primeira Instância, e na Vara do Trabalho, logo no início da minha atuação. Porém, quando eu comecei a manter um intercâmbio com os colegas de outros estados, em decorrência da distribuição dos processos, constatei que as causas vinham quase sempre para o Tribunal Federal de Recursos, que foi substituído, a partir da Constituição de 1988, pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Nessa época, houve também a criação de cinco Tribunais Regionais Federais (TRFs), dentre eles o da Primeira Região, que abarca doze estados e o Distrito Federal. Então, esse arcabouço da Justiça fez com que eu me aproximasse mais dos tribunais superiores, nos quais comecei a receber causas. E assim continuo até agora.

Na condição de experiente advogado, como o senhor avalia a recente decisão, do Presidente da República, de conceder indulto ao deputado federal Daniel Silveira, que causou uma polêmica no meio jurídico?

EC - Eu participei por 16 anos do Conselho Penitenciário do DF, do qual tive a honra de ser o Presidente por dois anos. Lá, nós já víamos que existe uma diferença entre a graça e o indulto, que é coletivo e costuma ser concedido, por ocasião do Natal, àqueles detentos que têm bom comportamento e já

cumpriram mais de um terço da pena. Esse indulto é dado pelo Presidente da República e aplicado a toda a população carcerária, e o conselho penitenciário de cada estado tem a competência de examinar se a pessoa beneficiada preenche os requisitos para a sua concessão. Já a graça é individual, concedida pelo Presidente da República, conforme o artigo 84, inciso 12 da Constituição Federal. É uma prerrogativa dada individualmente a qualquer cidadão brasileiro que tenha sido condenado em qualquer circunstância. Então, essa graça apaga os crimes praticados pelo beneficiário. Não há necessidade de supervisão de um órgão para que ela seja concedida, o que a difere do indulto. A graça é personalíssima do Presidente da República, que pode concedê-la a quem ele achar que merece.

“Com toda a vênia, porque milito também no Supremo Tribunal Federal, eu considero que o STF está enveredando no campo político.”

Como o senhor vê o questionamento do STF em relação a essa decisão do Presidente da República?

EC - Com toda a vênia, porque milito também no Supremo Tribunal Federal, eu considero que o STF está enveredando no campo político. Especificamente no caso desse deputado, se o Supremo quiser rever a decisão, e ainda não o fez, estará tomando uma decisão de caráter político, o que foge à sua competência. Então, pode haver um estremecimento entre os Poderes da República. O Supremo tem de entender que o instituto personalíssimo da graça presidencial, seja para A, B, ou C, não merece ser revisto pelo Poder Judiciário, ao contrário do indulto.

Sobre esse estremecimento entre os Poderes, o senhor, que está há muito tempo em Brasília, já presenciou algo parecido com esse atrito entre o Presidente da República e o STF?"

EC - Nunca na minha vida. O Supremo Tribunal Federal, quando comecei na advocacia, era composto já por 11 ministros, mas todos ficavam no anexo ao Plenário, no primeiro andar, e naquele bloco os advogados, funcionários e ministros da Corte sempre se encontravam e se cumprimentavam. Não existia esta atual segurança ferrenha, e olhe que estávamos no regime militar.

O que mudou, então?

EC - Naquele tempo, os ministros não davam entrevistas fora dos autos; não existiam holofotes de TV. Os ministros não se pronunciavam abordando fatos políticos em conferências ou entrevistas para a imprensa, como se vê hoje a qualquer momento. Nos Estados Unidos, ministro da Suprema Corte não fala, não dá entrevista, tem a vida voltada exclusivamente para as suas atribuições. Então, nestes meus 50 anos de advocacia, houve uma mudança fundamental. Está havendo este estremecimento porque não há, digamos assim, um respeito mútuo entre os Poderes. Montesquieu, quando dividiu os Poderes em três, preconizava que deveriam ser independentes, mas harmônicos. Hoje há uma invasão de competências, pois qualquer coisa que o Presidente da República ou o Congresso faz é submetido, por partidos políticos, ao crivo do Supremo Tribunal Federal, como se ele fosse o revisor dos Poderes Executivo e Legislativo, mesmo não se tratando de matéria constitucional. Há ações que deveriam ser voltadas ao STJ, e não ao STF, que é exclusivamente o Guardião da Constituição, mas se vê hoje asso-

berbado por matérias que não deveriam ser da sua competência.

O STF, então, está extrapolando e criando uma celeuma no País?

EC - Eu vejo, do ponto de vista jurídico, que ministros da Corte não podem entrar em discussões de matéria política, nem ficar dando entrevistas ou participando de conferências para discutir atos que sejam prerrogativas do Presidente. Há aquele ditado de que decisão judicial não se discute; se cumpre. Da mesma forma, a decisão do Executivo só pode ser contestada se for inconstitucional, porque aí sim é competência do Supremo analisar.

O senhor acredita que a escolha dos ministros do Supremo

poderia seguir outro caminho além da indicação presidencial, até para que eles ficassem mais livres para tomar suas decisões?

EC - Aqueles que são indicados para o Supremo fogem à modalidade dos outros tribunais superiores, que é a lista tríplice a partir de uma triagem do Ministério Público; ou pelo critério de antiguidade ou merecimento, se for vaga da Magistratura. No caso do Supremo, é totalmente diferente, não há exigência de o indicado ser advogado ou magistrado. Há os requisitos de notável saber jurídico e reputação ilibada; mesmo assim, deveria existir uma condição: quem vai para o Supremo precisa ter passado pelo Ministério Público; ser ministro do

STJ, desembargador federal ou ter, por exemplo, 15 anos de militância na advocacia ou na Magistratura. A Constituição deveria rever essa questão porque, às vezes, por questões políticas, o Presidente da República indica e o Senado aprova pessoas sem notável saber jurídico e sem reputação ilibada.

"Os ministros não davam entrevistas fora dos autos; não existiam holofotes de TV."

"Invasão de Poder desrespeitando a atribuição do outro vira uma crise."



O senhor receia que haja uma reação mais radical do Presidente Jair Bolsonaro, diante de toda essa polêmica?

EC – Não, o atual Presidente é muito cauteloso nesse sentido. Se houver um estremecimento, eu diria que poderá ocorrer em virtude de um ato que fuja à competência de um dos Poderes. Por exemplo: todos nós sabemos que, quando esse tipo de estremecimento chega a um limite final, há o artigo 142 da Constituição, segundo o qual as Forças Armadas poderão ser convocadas não para fazer uma intervenção militar, mas uma intervenção temporária, até que novos rumos sejam harmonizados e os Poderes possam funcionar dentro do Estado Democrático de Direito.

Como o senhor vê esta polarização: a voz nas ruas a favor do Presidente Bolsonaro e contra o STF?

EC - Olha, há aquele ditado de que a voz do povo é a voz de Deus, mas não se trata de o Presidente da República tomar uma decisão que parta para o populismo. Não é isso. Qualquer decisão tem que ser pautada pela Constituição. Se há estremeci-

mento, temos remédios legais para isso. Agora, invasão de Poder desrespeitando a atribuição do outro vira uma crise.

O ativismo do STF tem predominado?

EC - Do ponto de vista jurídico, é como falei: se o Supremo Tribunal Federal partir para peitar o Executivo e não respeitar atos do , aí ele estará fugindo do regramento constitucional. A Constituição é bem clara: não haverá superposição de Poderes. A invasão de Poderes e a revogação, por parte do Judiciário, de um ato intrínseco do Presidente vai gerar um clima difícil, que pode ter consequências imprevisíveis.

“O regime democrático é o melhor do mundo, porque os outros, socialismo, comunismo, já foram experimentados em várias nações e o povo ficou segregado, sem liberdade.”

Qual é a sua conclusão sobre estes temas que estamos abordando?

EC - O regime democrático é o melhor do mundo, porque os outros, socialismo, comunismo, já foram experimentados em várias nações e o povo ficou segregado, sem liberdade. Há nações hoje muito desenvolvidas, mas em que a liberdade humana, as liberdades individuais, não são seguidas como deveriam ser. Aqui, bem ou mal nós ainda estamos vivendo em um regime democrático, mas alguns atos que foram tomados constituem uma invasão dos direitos e garantias preconizados no artigo 5º da Constituição Federal. Há Poder invadindo competências e garantias constitucionais, e isso é preocupante.



Nelson Mattos Filho
Velejador - avoante1@hotmail.com
VIDA A BORDO 29/09/2009

PARTE 2



REFENO 2009, UMA REGATA II

Quando consegui terminar o conserto da roda de leme do Avoante, a qual foi quebrada quando disputávamos freneticamente a largada da regata, já passava das 20 horas. A essa altura, a flotilha já estava com mais de quatro horas de velejada. Apesar do vento fraco que soprava no momento, era muito tempo para podermos recuperar o prejuízo.

O Marco Zero que às 3 horas

da tarde fervia de alegria com a multidão que tinha ido prestigiar a largada, às 20 horas era um verdadeiro mar de tranquilidade. Nossa partida foi acompanhada apenas por alguns casais de namorados que assistiam nossa navegada pelo longo canal do porto. Era uma noite bonita!

Fiz questão de montar a Bóia Norte, marco obrigatório de percurso da regata. Isso nos custou

mais de hora de velejada, mas me deixou com a consciência tranquila durante todo o percurso. Eu entendo que ética não se tem apenas quando estamos diante dos outros. Se eu estava naquela regata, mesmo que a partir daquela hora sem nenhuma condição de pontuação e sujeito até a desclassificação, mesmo assim, pelo menos o percurso completo eu teria que cumprir. E cumpri!

O Avoante desenvolvia míseros 2 nós de velocidade, às vezes até menos. Nas primeiras 24 horas de velejada conseguimos, a muito custo, avançar apenas 50 milhas. O clima a bordo era de interrogação. O dia amanheceu e ainda estávamos avistando o Farol de Olinda, que insistia em acenar para a gente. Eita farolzinho insistente!

Parei de contar a partir do décimo bordo que demos para conseguir avançar, mas acho que passaram dos 50. Nunca em todos esses anos que participei da REFENO, passei por um momento desses. É realmente desolador, saber que temos 300 milhas pela frente e o barco parado no mar a espera de um vento que nem sabemos se vai dar as caras. Por sorte, ninguém a bordo apresentou problema de enjoos.

Apesar do desconforto com

o tempo de percurso, o clima a bordo era bom e com muito bom humor. Fernando com suas descontraídas cervejinhas geladas e sua incrível tranquilidade. Marta se mostrando uma excelente timoneira e grande companheira. Simarone, que apesar do medo inicial de enjoar, se mostrou um grande comandante e grande devorador dos quitutes de bordo. Hélio Milito com sua elegância e seu inseparável tubo de hipoglós foi o grande responsável pela alegria a bordo, com suas tiradas engraçadas. Lucia, minha imediata e meu norte verdadeiro, livre das antigas crises de enjoos botou a cozinha para funcionar a pleno vapor.

A partir do segundo dia de mar a coisa começou a tomar rumo. O ventilador do vento voltou a funcionar normalmente e com isso conseguimos fazer uma previsão

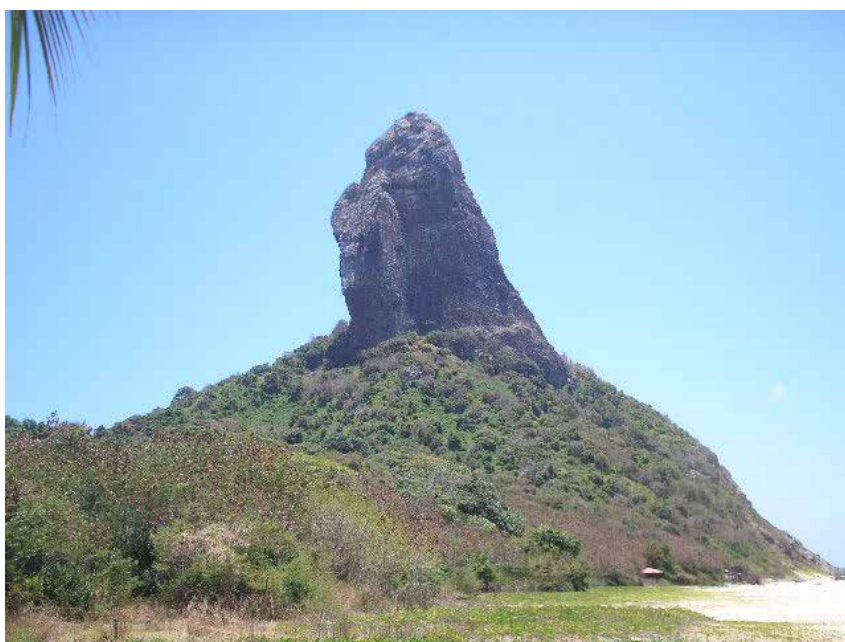
mais otimista de chegada a Noronha. O Avoante voltou a render bem e atingimos a marca de 140 milhas em 24 horas. Muito bom! A Ilha estava mais próxima, mas ainda tinha muito mar pela frente.

Como disse Fernando, era uma velejada de filme americano. Vento bom, mar tranquilo e bom humor. Depois de 70 horas de velejada avistamos as primeiras silhuetas da Ilha de Fernando de Noronha. Faltavam apenas 25 milhas para chegar aquele paraíso de águas cristalina e apinhado de belezas naturais. O sol começava a se esconder no horizonte e a noite já apresentava suas formas. Tudo vinha tão bem que relaxados diante da premente chegada, nem percebemos que a nossa frente nuvens escuras e ameaçadoras começavam a encobrir a silhueta da Ilha. Um chamado de alerta do barco Mary Mary, que seguia a nossa frente, nos despertou daquele sonho tranquilo. “– Avoante, Avoante, copia Mary Mary...”

O primeiro Pirajá nos pegou de raspão, mas os outros que se seguiram vieram em cima de nós. Não eram muito fortes, mas o bastante para modificar toda a nossa previsão de uma chegada tranquila a Noronha.

O sorriso desapareceu do rosto da tripulação. O mais rápido possível assumi o posto de comando e senti que coração o Avoante pulsava tranquilo.

Barco tem alma! A alma do Avoante é de paz e segurança.





O charme e a elegância até nos momentos mais descontraídos

LILI CANEÇAS

Sinônimo de ícone, com quatro letras **Lili**

Por Octávio Santiago – De Lisboa | Fotos: Alex Costa e Acervo

Alculha lhe dá a falsa impressão de lacônica: Lili. Apenas Lili. Mas breve é coisa que Maria Alice de Carvalho Monteiro Custódio não admite ser. Pois é gente que permanece e que se expressa com muitas palavras. Socialite, comentarista de TV e, agora, influencer... Não importa em qual versão se apresente: a moradora mais ilustre de Cascais nasceu mesmo foi para ser icônica.

Pois foi na pequena – hoje fervilhante – vila da Riviera Portuguesa que teve início o seu fascínio pela aristocracia e seus modos particulares. Era Cascais quem acolhia nobres exilados de toda a Europa, criando, pois, certas tradições. Como a de bailar com máscaras no famoso Cassino do Estoril, ocasião que fez Lili, com 16 anos, estrear na TV. E impressionar. “Eu era considerada a mulher mais bonita de Cascais”. É ela mesma quem conta.

E conta mais. Estudou Filologia Germânica em Lisboa – tem a ver com estudos da linguagem; uma busca no Google permitiu saber – e trabalhou para a TAP. Foi por aí, com pouco mais de 20 anos e seis línguas na ponta da sua, que ela casou com Álvaro Caneças, milionário da construção civil, e viveu “uma vida rodeada de luxo”. Viajando um tanto e conhecendo “toda gente”. Inclui-se celebridades no Brasil.

Dezessete anos depois, divorciou-se. O brilho das joias diminuiu, mas o dela não. Continuou a frequentar as rodas e a exercer vanguarda. “Não me considero feminista”, apesar da sua história dizer o contrário, “mas sou uma visionária”. Era mulher que quebrava padrões e desafiava a elite branca conservadora de Portugal com as suas amizades. Outros tempos seguiram, mas o Caneças continuou em seu nome.

A melhor idade chegou – as intervenções com fins estéticos que renderam pauta na imprensa também – e ela virou a querida “Tia de Cascais”. Desde então foi muito vista na TV, como comentarista. Fez Teatro, lançou biografia, foi colunista social e estreou videoclipe. Ela surpreende, sempre. E gosta disso. Do que lhe causa e das suas consequências.

Aos 78 anos, recém-completados, ela agora se diz influencer. Com poucos filtros, só os do Instagram, e sem medir modéstia ou pesar melancolia, Lili Caneças entregou pormenores a Bzzz. É que faltar com a verdade e regressar onde se foi feliz nunca lhe fizeram muito sentido e como encerrou a entrevista com Fernando Pessoa, há de se fechar este abre com versos: “Não se acostume com o que não lhe faz feliz” e “se sentir saudades, mate-as”. Recitou Lili. A Caneças.

ENTREVISTA

BZZZ – Você se apresenta como “uma mulher portuguesa muito orgulhosa disso”, mas não se encaixa bem na imagem estereotipada da mulher portuguesa. Como explicar isso?

LC – Mas não encaixo mesmo. De fato, a minha genética é muito mais brasileira do que portuguesa. Porque eu nasci de bem com a vida, estou sempre com um sorriso, sou agradável pra toda gente. E normalmente os portugueses não são assim. Quando perguntam se estão bem, os portugueses respondem: “Vou andando”. Os portugueses são muito nostálgicos e eu não sou. Bom, nós temos o fado e os brasileiros têm o samba. Isso diz muito.

BZZZ – E quanto do Brasil está presente na sua rotina? E como?

LC – Eu sou uma grande consumidora de novelas brasileiras. De novelas da Globo, que me chegam, graças a Deus, diariamente. A primeira foi “Gabriela” e não sei se você sabe, mas as sessões do parlamento pararam porque os deputados queriam ver a Sônia Braga. Eu vejo nas novelas brasileiras o pessoal nas favelas, mesmo sem dinheiro, a beber uma caipirinha, todos a dançar, num forró. O que prova que a vida pode ser divertida e boa sem precisar ser rico. Aprendi com os brasileiros a ser de bem com a vida.

BZZZ – É por isso que você é a última a sair das festas?

LC – (risos) Eu já não vou tanto a festas, mas era notívaga e todas as noites saía e ia dançar. Mesmo no Brasil, eu conhecia todas as boates, porque eu ia muito ao Brasil. Inclusive meu ex-marido comprou dois apartamentos na Visconde de Albuquerque (Bairro do Leblon, Rio de Janeiro-RJ) e nunca fui ver. A verdade é que sempre gostei da noite. E das novelas. Agora mesmo estou a ver “Pantanal”. Passa muito tarde, mas ainda estou acordada. Gosto da noite. E do Brasil.

“Custa-me ver a Cidade Maravilhosa abandonada. Há 50 anos, o Rio tinha as mulheres mais bonitas e glamurosas do mundo.”

BZZZ – E qual lugar o Brasil ocupa nas suas lembranças?

LC – O Brasil sempre teve cheiro de festa. Eu tinha uma casa grande em Portugal e quando ia ao Brasil não queria ter problemas com pessoal nem de orientar uma casa. Então eu ia logo para o Copacabana Palace, chamava os meus amigos para jantar fora e sempre era uma festa. Quando eu comecei a frequentar o Carnaval, ainda não era no Sambódromo e conheci gente fantástica: o Roman Polanski, o Jack Nicholson, o Rock Hudson, que já estava muito mal... O primeiro galã de Hollywood a morrer com SIDA (Aids).

BZZZ – Parece que o Rio lhe rendeu bons capítulos.

LC – Eu chego ao Rio e acho de fato a cidade mais bonita do mundo. E eu conheço o mundo todo. Só não a China, que nunca vi e agora não me apetece nada. Não é possível! Só que eu conheci o Rio com jardins cheios de flores e agora está um bocadinho degradado. Custa-me ver a Cidade Maravilhosa abandonada. Há 50 anos, o Rio tinha as mulheres mais bonitas e glamurosas do mundo. E só ia com mais de 10 malas porque não me passava pela cabeça repetir a mesma roupa. Uma para cada ocasião. Usávamos joias e não tinha problemas.



“Sessões do parlamento pararam porque os deputados queriam ver a Sônia Braga.”



A luz que entra pela janela do Grande Real Villa Itália, em Cascais, revela as curvas que continuam a estontear

BZZZ – Você circulou por Búzios quando ela se revelou para o mundo. Qual era o clima entre as celebridades que frequentavam a praia naquele tempo?

LC – Eu frequentei Búzios no tempo da Brigitte Bardot e do Bob Zagury. Fiquei muito amiga do Hubert Castéja, que tinha uma pousada de charme chamada Hibisco, e eu disse assim: um dia vou fazer como ele, que era príncipe, e estava a receber os hóspedes num hotel pequeno, num sítio paradisíaco. Como eu sempre vivi com muito conforto e a casa cheia de gente, eu tenho facilidade de fazer um hotel de charme. Era o que eu pensava.

"Sempre fui alternativa e queria provar às pessoas que não havia diferença de gênero nem de etnia nem de religião ou orientação sexual."

BZZZ – E por que mudou de planos?

LC – A dificuldade está no sítio paradisíaco. (risos) Só se for no Brasil, num sítio perdido, que ninguém conheça e que se possa transformar num outro Búzios. Nunca mais lá fui, pois me dizem que agora está diferente, com um monte de gente. Mas com a idade que eu tenho, ir pro Brasil fazer qualquer coisa de extraordinário, acho difícil. Foi um tempo bom.

BZZZ – Você é de voltar para onde foi feliz?

LC – Eu tenho o costume de não voltar aos lugares onde fui muito feliz, percebe? Não sei se

concorda, porque há pessoas que pensam que devemos voltar e voltar e voltar. Não, eu acho que o mundo é tão grande e temos tanto a conhecer que não vale a pena estarmos a regressar a um passado no qual fomos muito felizes e não vamos encontrar igual.

BZZZ – E hoje, onde você é feliz?

LC – Monte Carlo. Aquilo é como um Shangri-la, um "Alice no País das Maravilhas". Não existe. Toda gente é milionária, os hotéis são de luxo, toda gente vive bem, não existe pobreza, ninguém rouba ninguém. É pra mim o que deveria ser o mundo inteiro. E como eu gosto de beleza, é impressionante. E beleza custa dinheiro e onde há dinheiro, há mulheres bonitas e onde há mulheres bonitas, há barcos fantásticos e há festas fantásticas. Só Monte Carlo tem isso.

BZZZ – Mas seu lugar no mundo segue sendo Cascais?

LC – Cascais é vila de reis e pescadores. Eu tanto falo com reis quanto com pescadores. Aqui está fantástico. Com vida, com arte. Acho que qualquer dia todos os atores da Globo se mudam para cá. Meus amigos brasileiros só andam em carros blindados e vivem com medo. Viver com medo não é viver, é sobreviver. Uma pena isso no Brasil. Agora, eu nunca fui assaltada no Brasil e já fui mais de cem vezes para lá, percebe? E em Portugal, eu já fui assaltada umas cinco ou seis vezes. Cascais está na moda. Nós temos aqui milhares de milionários brasileiros. Tudo o que está a acontecer em Cascais é feito por brasileiros. Porque os portugueses, infelizmente, aquela vontade de trabalho, de fazer coisas, dispersou um bocadinho e como tem um subsidio de desemprego, vivem em casa da mãe, da namorada, de um amigo e ficam na praia o dia todo. Isso não é muito politicamente correto de dizer, mas é a verdade. Quem está investindo em Portugal hoje são os brasileiros.

Bzzz – Você disse uma vez que lia Time e Vogue, porque em Portugal, no passado, faltavam informações sobre o mundo e alta costura. E hoje? O que falta?

LC – Acho que mais orgulho das nossas origens, das nossas tradições. Temos 900 anos de história, somos filhos de rei, nascemos em berço de ouro. Seria tudo mais fácil se todos pensassem assim e valorizassem o que há de bom em Portugal. Mesmo os grandes artistas, mesmo os grandes escritores, mesmo os grandes cineastas, só quando vão pra fora de Portugal é que tem sucesso em Portugal. Tenho orgulho de ser portuguesa e, principalmente, de ser uma cidadã europeia.

Bzzz – O que você acha que representa para a sua e para a nova geração?

LC – A Lili sempre foi uma visionária, sempre estive para além do meu tempo. Portugal era um país muito provinciano, um pouco medíocre, até, as pessoas não sabiam o que se passava no mundo, e como você sabe, eu assinava revistas para consumir informações e saber mais. Depois, eu achava que as regras eram injustas. Meu melhor amigo era gay e, nessa altura, ninguém falava nisso. Os pais tinham vergonha. Esse meu amigo, quando a mãe soube que ele era gay, cortou os pulsos. Portanto, os meus maiores amigos eram gays, tinha amigos afrodescendentes também. Sempre fui alternativa e queria provar às pessoas que não havia diferença de gênero nem de etnia nem de religião ou orientação sexual. Isso há 60 anos. Hoje em dia eu sou uma influencer porque os mais jovens dizem que querem ser como eu quando forem mais velhos. Que querem dançar na rua, fazer raps. Ora, eu fui cantar no Rock in Rio, porque fiz uma música que fez sucesso no YouTube, que se chama “Dois brancos, um preto e Lili Caneças”. Eu represento o que as novas gerações gostariam de ser quando forem mais velhas. Ainda com a alegria de viver.

Bzzz – Dito isso, você se considera feminista?

LC – Não. Feminista não. Aqui e acolá, eu penso

“Eu era considerada a mulher mais bonita de Cascais e fui super assediada, mas nunca fui pra cama com ninguém e casei virgem.”

que se as mulheres se apoiassem umas às outras, seria melhor. Eu gosto do empoderamento das mulheres. O mundo esteve entregue até agora aos homens. Está na altura das mulheres poderem mostrar que o mundo pode ser muito melhor. E que a mulher não quer sangue, mas sim conseguir pelas vias da paz. O feminismo, no sentido que vemos, acho um exagero, com todas as mulheres de Hollywood dizendo que tiveram que dormir com os diretores. Não concordo. Eu era considerada a mulher mais bonita de Cascais e fui super assediada, mas nunca fui pra cama com ninguém e casei virgem. Eu sei o que é ser assediada, com propostas fantásticas e nunca me apeteceu.

Bzzz – Então o dinheiro nunca pesou nas suas decisões?

LC – A felicidade não tem a ver com dinheiro. Tem a ver com a realização dos sonhos. É o que penso e acho que por isso mesmo fui e sou feliz.

Poema que ela recitou:

Não se acostume com o que não o faz feliz,
revolte-se quando julgar necessário.

Alague seu coração de esperanças, mas não
deixe que ele se afogue nelas.

Se achar que precisa voltar, volte!

Se perceber que precisa seguir, siga!

Se estiver tudo errado, comece novamente.

Se estiver tudo certo, continue.

Se sentir saudades, mates-a.

Se perder um amor, não se perca!

Se o achar, segure-o!





Como uma atriz hollywoodiana dos tempos áureos

Na partida do ex-marido Álvaro Caneças, Lili postou essa foto no seu perfil do Instagram e escreveu: "Foi aqui na Taverna do Embuçado, do João Ferreira Rosa, que o meu ex-marido Álvaro Caneças me pediu em casamento, no ano de 1965. Era igual ao Marcello Mastroianni, parecia saído dum filme do neo-realismo italiano. O casamento durou 17 anos e a maior felicidade foi o nascimento dos meus dois filhos, João e Rita. Hoje morreu de madrugada. Sinto muito por vós meus filho."



Em dia de frio e charme com o filho João Caneças



Dia de descontração com a filha Rita Caneças



O fotógrafo da Casa Grimaldi, único autorizado a clicar no espaço, regista Lili e Marcos Marin, que ofereceu várias obras de arte para o leilão da Fundação do Príncipe Albert

Recentemente em Mônaco, chegada ao Hotel Hermitage, com o possante Aston Martin, pintado pelo fotógrafo-artista Marcos Marin, emoldurando, entre os amigos Renato Rodney, Úrsula Salvador de Marbella e Xico Ibérico



Sempre elegante



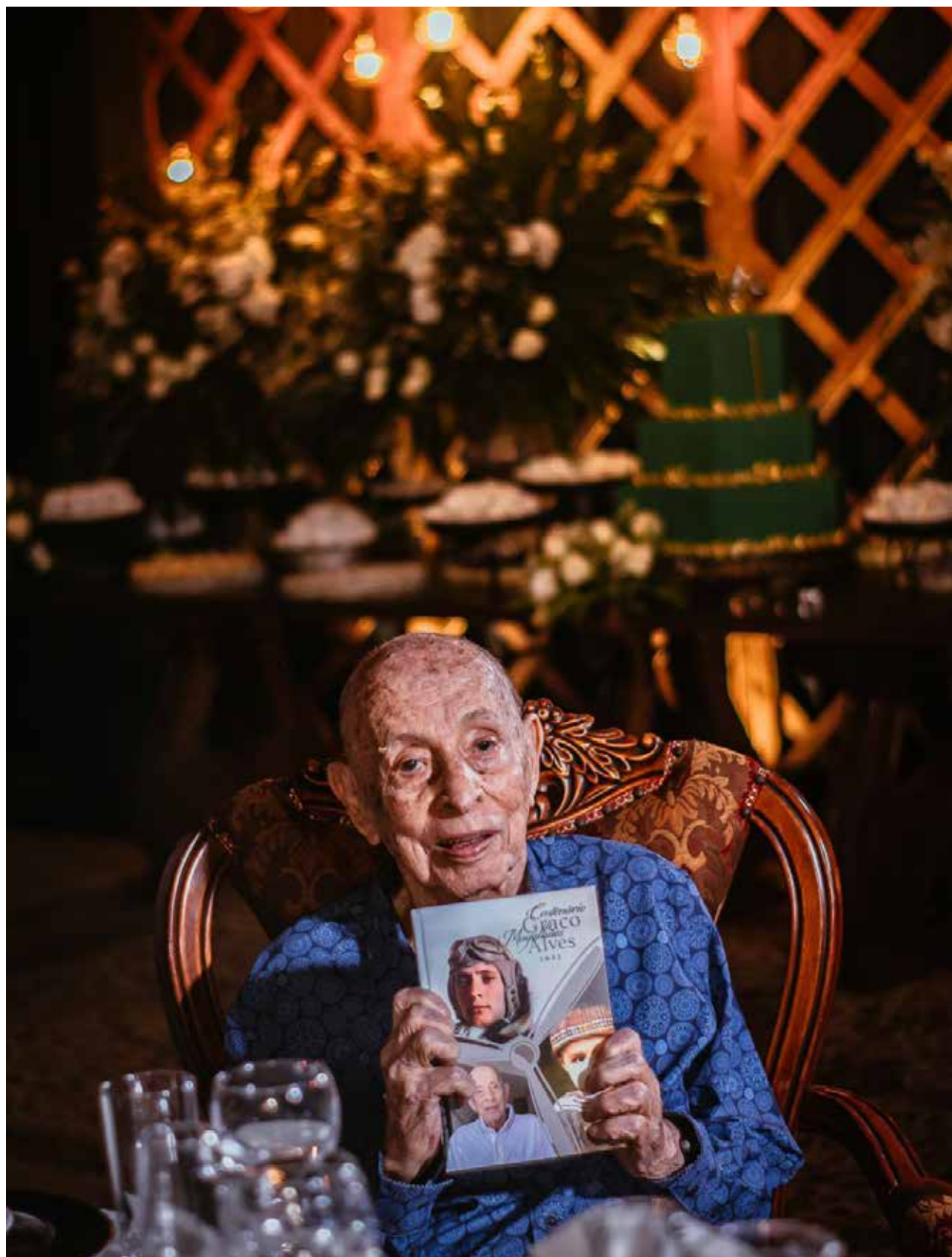
Champanhe em Mônaco



A beleza que supera as marcas do tempo



Do álbum de família com os filhos Rita e João, a estonteante beleza de Lili



GRACO MAGALHÃES

Asas indomáveis

GRANDE PILOTO CHEGA A 100 ANOS DE VIDA COM MUITA HISTÓRIA VIBRANTE NA MEMÓRIA PARA CONTAR. O AMOR, AS CONQUISTAS, OS INÚMEROS VOOS E ACROBACIAS, A CORAGEM DE ACEITAR A EXIGÊNCIA DE TRANSPORTAR BANDIDOS QUE PROMOVERAM UM DOS MAIS OUSADOS ASSALTOS NO RN

Por Por Eliana Lima | Fotos: Hazzô e Arquivo Pessoal

No distante, bem distante, 23 de maio de 1922 nascia o primogênito de Magnólia Pinheiro e Antônio Magalhães Alves, a quem deram o nome de Graco Magalhães Alves. Parto assistido por Guilhermina de Assis, na primeira residência do casal, em frente à Praça dos Andradas, no município mineiro de Muzambinho. Guilhermina, muito amigo da avó materna de Graco, Maria Augusta, foi também sua madrinha de batismo.

E assim começou a vida deste bravo aviador que completou nada menos que 100 anos de idade, no alto de impressionante lucidez. Sua memória é também de deixar qualquer um de queixo caído, como costumamos falar sobre a máxima da expressão de admiração.

Graco foi alfabetizado em casa por sua mãe, que era professora de Geografia na Escola Normal de Muzambinho, até ser matriculado no curso primário do Lyceu da cidade. Ele lembra, inclusive, da sua

primeira professora: D. Camila Coimbra, mais conhecida por Camilinha. E assim foi se suscedendo nos estudos. Lembra até hoje de cada professor.

O centenário de Graco foi comemorado numa bela festa em Natal, no Versailles Recepções. Reunião de amigos e familiares de vários lugares do Brasil. Inclusive da Califórnia: a filha mais

nova, Karla, o genro Rasmussen, famoso artista plástico conhecido por Mocó, e o neto Daniel, a quem coube ler a mensagem de homenagem da noite. A vontade e a força para sua celebração foram tantas, que Graco superou a pneumonia que o abateu durante a semana e ficou pronto para receber holofotes e parabéns, ao melodioso som de Lane Macedo.



Os pais de Graco: Antônio Magalhães Alves e Magnólia Pinheiro Magalhães Alves

E todos os convidados receberam um belo livro de capa dura, patrocinado pelo Grupo Santana, presente do empresário e amigo Ivanilson Araújo. E que fantástico! As páginas contam a história do Comandante Graco, desde o seu nascimento, narrado por ele mesmo. Cheio de detalhes. Já é uma relíquia. Ele lembra até de pormenores da Revolução de 1930, quando houve a eleição para Presidente da República, na disputa entre o paulista Júlio Prestes e o gaúcho Getúlio Vargas. Venceu Prestes, “mas grande parte do povo não se conformou e a maioria do Exército ficou a favor de Getúlio Vargas”.

Lembra: “O partido do papai em Muzambinho era presidido pelo Dr. Lycurgo Leite, tendo meu pai como vice-presidente. A Força Pública de São Paulo à época era muito bem armada, tendo artilharia e aviação, de modo que eles entraram pelo sul de Minas rapidamente. À medida que eles iam chegando, Muzambinho ia se esvaziando, com seus habitantes fugindo para as fazendas”. O pai ficou em casa, com provisão de alimentos para meses, e ensinou aos filhos o local onde deveriam ficar protegidos caso houvesse tiroteio. Passada a fase crítica, todos vivos.



Graco bebê



Família Magalhães Alves no Parque das Águas, em São Lourenço (MG)

ASAS INDOMÁVEIS

Graco cresceu e com ele aumentava o sonho de ser aviador. Realizou no dia 9 de dezembro de 1942, aos 20 anos de idade, quando recebeu o seu brevê. Após reunir horas exigidas, passou a ser instrutor de voo no Aero Clube de São Lourenço. E ainda dava aulas de desenho e matemática. Sobrecarregado, soube que o Brasil fizera contrato para treinar pilotos na Força Aérea do Exército dos Estados Unidos. Fez o exame e passou. O embarque para os EUA aconteceu em outubro de 1943, num avião Lockheed Lodestar, que decolou do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, com parada para abastecer a aeronave em Salvador (BA).

Aterrisou em Natal e ficou

maravilhado. Observava da Base Oeste (base brasileira) a base americana, do outro lado, que se instalou em solo potiguar para as ações em meio à Segunda Guerra Mundial. “Era um amontoado de aviões de todos os tipos”, lembra Graco. Até chegar o dia de embarcar no Curtis Comander, que não tinha bancos, apenas tábua de ponta a ponta. Depois de pousos e decolagens, chegaram em Miami. Pela primeira vez viu um oficial do sexo feminino. Era uma capitã, que falava português com sotaque de Portugal.

SEGREGAÇÃO

A surpresa veio quando ela disse: “Vou dar um aviso: aqui

existe separação entre brancos e negros. O ônibus que tem escrito White só pode ser usado por pessoas brancas, e os que estiverem marcados Colored só devem ser usados por negros. A mesma coisa em locais públicos, tais como bares, sanitários. Aviso que se alguém for pego descumprindo o que acabei de explicar volta imediatamente para o Brasil”. E assim foi cumprido.

O tempo passou, muito estudo e muita dedicação, até ir para Perrin Field, no Texas, onde fez o voo dos seus sonhos: o North American T-6, “acrobático ao extremo, foi o avião mais usado para treinamento em todos os países aliados dos Estados Unidos”, lembra o Comandante Graco.



Graco no dia do seu primeiro voo em São Sebastião do Paraíso (MG)



Cadetes Graco, Sartori, Milton Nunes e Pazzini em San Antonio/Texas (EUA)



Graco com o seu instrutor e outros alunos em Uvalde/Texas

AMOR EM NATAL

Já instalado na Base Aérea de Natal, que na época tinha cerca de 60 mil habitantes, um grupo de aviadores foi convidado, num domingo, para jogar futebol na área em que frequentava a sociedade da cidade. Entre os presentes, Sylvio Pedroza (prefeito à época), Alvarmar Furtado, Humberto Nesi, Marito Lira, Rossiane Azevedo. Às vezes participavam também oficiais do Exército que serviam no 16 RI.

Num belo dia, Sylvio Pedroza o convida para almoçar, quando foi apresentado à irmã dele, Elza Pedroza. Em outro almoço, na casa de uma amiga, os dois se encontraram e daí começou o namoro. Em abril de 1947, noivaram na Fazenda São Joaquim, no município potiguar de Fernando Pedroza, mesmo nome do pai de Elza. O casamento aconteceu um ano depois, em abril de 1948, na Igreja Bom Jesus das Dores, bairro da Ribeira, em Natal. Do casamento com Elza nasceram Márcio, Paulo, Nelson, Antônio Carlos e Branca. Paulo e Nelson faleceram. Viúvo, Graco Magalhães se casou com Maria José Serpa, em 1968, com quem teve a filha Karla Ximenes, em 1970.

Filhos que nasceram no belo casarão da Avenida Getúlio Vargas, em Petrópolis, que fica no alto, de frente para o mar da orla urbana de Natal – onde hoje é área de edifícios nobres da capital. Como piloto da FAB, Graco viajava constantemente. Nessa época, o governo estadual, quando precisava de avião para servir aos gover-



Com Elza, noivos, na Fazenda São Joaquim, em Fernando Pedroza (RN)



O casamento, numa grande recepção na residência do casal Sylvio Pedroza e Clô



A casa grande da Fazenda São Joaquim

nadores, solicitava à Base Aérea e Graco era sempre o escolhido pelo Comando para as missões. Assim, voou com o Interventor Ubaldo Bezerra, governadores José Varela, Dix-sept Rosado, Sylvio Pedroza, Dinarte Mariz.

Até que foi solicitado pelo então governador Sylvio Pedroza

para ser seu Chefe de Gabinete. Mesmo colocado à disposição pela FAB, continuou voando. Percorreu todo o Rio Grande do Norte transportando o governador. Foi então que chegou a determinação do Ministério para que cada oficial permanecesse apenas dois anos em cada função. Com isso começaram

as transferências para diversas partes do Brasil.

Nessa época, Elza recebera uma fazenda de herança do pai, onde se produziam algodão e gado. Em concordância com a esposa, decidiu deixar a FAB. Não demorou para ser convidado por Louis Brotherhood para ser representante do Loide Aéreo em Natal. Cinco anos depois, Aluizio Alves assume o governo do RN. Numa inesperada manhã, ele chega na hora do café da manhã na casa de Graco. Foi recebido na varanda e lá mesmo AA fez o convite para ele ser o piloto do governo, pois acabara de adquirir uma aeronave Pipe Azteca, avião por Graco indicado, vindo dos Estados Unidos. Convite aceito, assumiu como piloto do estado.

Os voos continuaram no governo do Monselhor Walfredo Gurgel. Depois, de Cortez Pereira, quando “houve uma verdadeira revolução”, lembra o comandante Graco, que o confiou escolher uma aeronave mais rápida e maior. E assim o fez. Da Pensilvânia (EUA), trouxe o Piper em Lock Haven. Em outra ocasião, na capital brasileira, foi-se sugerido aos governos estaduais adquirirem helicópteros para inspeção das linhas de transmissão de energia. Após cotação de preços e custas com salários de pilotos, comprou-se o Hughes 500. Diante dos altos gastos com pilotos, Graco, então, fez curso para pilotar helicóptero, no Recife (PE), e iniciou os voos no RN, a quem agradece ao brigadeiro Ismael da Motta Paes, recém-chegado da Itália à época, que o ajudou no périplo.

PRESIDENCIAIS

A Fazenda São Joaquim, dos pais de Elza, foi administrada durante 10 anos por Graco, para ajudar a sogra, D. Branca. Na bela casa grande, construída em 1920, o sogro Fernando Pedroza recebeu o então presidente da República Getúlio Vargas, em 1930, “para um almoço embaixo do bosque das Oiticicas, à margem do Rio Pataxó, onde Getúlio viu pela primeira vez uma vaquejada e provou iguarias do Nordeste, como a carne de sol”, lembra Graco.

O segundo presidente a ser recebido na fazenda foi João Goulart, “que veio a convite de Sylvio Pedroza e almoçou no terraço do primeiro andar da Casa Grande, com vista para o açude e o Pico do Cabugi. O almoço foi organizado por d. Branca, Elza e as amigas Dias-sis Ferreira, Anita Ferreira de

Souza Fiemo e Fany Cavalcanti”, conta Graco em seu livro.

Em tempo: o andar superior do casarão foi construído por Fabrício Pedroza, em 1940. “Na fazenda existia campo de pouso desde a época do seu pai, pois ele tinha avião próprio e ia sempre nele para a fazenda. Fabrício, irmão de Elza, também piloto, ia sempre nos aviões do Aero Clube, do qual foi presidente. Em 1945, decolou da Fazenda São Joaquim, com Paulo Corrêa, filho do grande amigo Vital Corrêa. Ao sobrevoarem Angicos, em um voo rasante, pegou os fios do telégrafo e o avião veio ao chão. Fabrício foi arremessado contra um muro e faleceu na hora. Paulo teve ferimentos, mas o cinto de segurança o manteve na cadeira, e sobreviveu”, conta Graco na página 44 do livro de suas memórias.

HORA DE PARAR

Em 1992 veio a aposentadoria da FAB. Antes, com a chegada de um avião Xingu ao Catre [Centro de Aplicações Táticas e Recompimento de Equipagens], no RN, Graco Magalhães fez seu último voo como piloto militar. Relembra: “Foi com o Coronel Pinto Machado. Ao pousarmos e nos dirigirmos para o Hangar do Governo, fui surpreendido pelo Briga-

deiro Eugênio, comandante do CATRE, que me aguardava com vários oficiais do seu comando. Ao descer do avião, o Brigadeiro Eugênio me entregou uma placa comemorativa aos meus 52 anos de piloto. E também fui surpreendido pela gentileza e carinho da D. Valdeci Soares [famosa banqueteira à época], que sabendo do último voo, levou uma torta” – pag. 54.



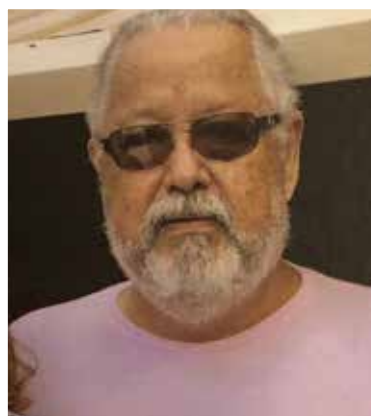
O casarão da Av. Getúlio Vargas, em estilo normando (mescla referências da arquitetura vernacular e medieval europeia), que recebeu muitas visitas ilustres, como Gal Costa



Graco e Elza na saída para tradicional baile de gala no Aero Clube de Natal



O filho Nelson morreu em um acidente de carro, ainda jovem



O filho Paulo morreu em decorrência de um AVC, em agosto de 2018, aos 66 anos



Com o filho Toninho na cobertura onde moram e recebem muitas visitas em busca de bate-papo com Graco

ASSALTO AO BNB DE ASSU

Para conseguir administrar as fazendas da família sem a demora causada pela distância nas estadas, Graco comprou uma aeronave Piper Cherokee de quatro lugares. Era o mais respeitado, apto e destemido piloto do RN. Nesse cenário, Graco Magalhães conta no seu livro o dia em que transportou assaltantes do Banco do Nordeste de Assú, interior do RN.

Diante do ousado assalto, em 1998, foi chamado pelo Coronel Veiga, seu amigo e secretário de Segurança Pública à época, pois os assaltantes, com o gerente do banco como refém, exigiram um helicóptero para seis pessoas. Na impossibilidade, Graco solicitou a permissão para contato com o

chefe dos assaltantes. Ofereceu-se para pilotar um Navajo (seis lugares). Aceito, embarcaram.

Na partida, eis que o motor esquerdo não funcionou. Os assaltantes irritaram-se, Graco conseguiu chamar o filho Márcio, também piloto, pelo rádio, e rapidamente ele aterrissou no local com um avião Bandeirante. Decolaram. Foram seguidos por outra aeronave, do BNB, em que estavam o delegado Maurílio Pinto, que era conhecido como Xerife, tamanhas sua coragem, estratégias e determinação. Também no voo, sua bem preparada equipe e outro filho de Graco, Paulo. Pousaram em São Luiz (MA) para abastecer.

Ao fazer o plano de voo para

Belém (PA), Graco conversou com Maurílio e explicou a situação. Na capital paraense, a torre designou o local para aterrissagem. Graco desceu do avião para atender aos pedidos dos assaltantes. Demorou e mandaram que Márcio fosse chamá-lo. Foi aí que a Polícia Federal cercou o avião. Quando o gerente do banco conseguiu sair pela emergência, pular na asa e correr para baixo do avião, a PF acertou um dos bandidos e prendeu o chefe da quadrilha”.

O CÉU É O LIMITE

Graco Magalhães, durante 52 anos de atividades no ar, voou nada menos que 202 modelos de aeronaves, tanto militares quanto civis.

A FAMÍLIA

No discurso de sua festa centenária, Graco fez questão de agradecer a FAB por tudo que foi e é. E à sua bela família. No livro, que tem grande parte ilustrada por fotos históricas e atuais, ele faz uma dedicação especial, que aqui descrevo diante da sua importância:

– Agradeço a DEUS pelos pais que tive, Antônio e Magnólia. Pelos meus irmãos: Carlos, Jairo, Maria Clara, Paulo, Antônio Carlos, Cláudio e Fausta.

A minha querida e inesquecível ELZA.

Pelos meus filhos: Márcio, Paulo (in memória), Nelson (in memória), Antônio Carlos, Branca e Karla. Netos: Raquel, Graco Neto, Marcella, Mônica, Nelson e Daniel. E os bisnetos: Mariana, Pedro Henrique e Gabriel. Pelos meus genros Grácio, Rasmussen e pela minha nora/filha Jurema.

Pelos meus amigos de toda minha vida, não citarei nomes de nenhum, para não cometer injustiça, por ter tido o privilégio de ter angariado um grande número deles.

DEDICAÇÃO

No final do livro, um agradecimento em especial ao filho Antônio Carlos, conhecido carinhosamente por Toninho, que durante anos vem se dedicando cheio de amor e admiração ao grande pai:

– Toninho, agradeço a sua paciência em ouvir minhas histórias, a começar do meu nascimento até dias antes de completar 100 anos. Obrigado! Devo tudo isso à sua dedicação e ao seu amor filial. Deus te abençoe filho querido.

Posteridade

Fotos Hazzô

A celebração do centenário do Comandante Graco Magalhães aconteceu em grande estilo no Versailles Recepções, em Natal

Quatro gerações de primogênitos: o avô, o filho Márcio, a neta Raquel e a bisneta mais velha, Mariana



Graco e os filhos Márcio, Karla, Toninho e Branquinha



O casal amigo Lalinha e Genivaldo Barros



O abraço de Thiago Cavalcanti, Gina Monte, Hilmeth Correia e Eliana Lima



Recebe o carinho de Vilma e o sobrinho Luiz Eduardo Pedroza



Com os netos Mônica, Nelsinho, Raquel, Graco Neto, Marcella e Daniel



Com seus dois anjos-da-guarda: a cuidadora Janeidinha e o filho Toninho



De Londrina (PR), Sílvia e Jesses Leite, com Branca, Toninho, Fátima e Marcos Guedes



Os sobrinhos Henrique Ayres e Maria Clara, de Belo Horizonte (MG)



Denise e o ex-senador Garibaldi Alves Filho



O empresário Ivanilson Araújo e o livro que presenteou a Graco



Comandante do Il Comar, no Recife (PE), o major-brigadeiro João Campos e a esposa Liane



A família Madruga: Getúlio, Zelinha e Zélia



Com seus médicos George Barreto e Ricardo Bittencourt



Com a filha Branquinha, o genro Grácio, os netos Mônica e Nelsinho



O carinho de Tânia e Gotardo Fonseca



Com Maria Bezerra



Brigadeiro Ivan Macedo e esposa Nina, major-brigadeiro Juvenal Macedo



Minervino Wanderley

Jornalista



MANOEL DUARTE MACHADO

SAIBA QUEM FOI O PORTUGUÊS QUE COLOCOU NATAL NO CENÁRIO MUNDIAL

Em Natal se fala muito na famosa “Viúva Machado”, bem como do seu belo palacete localizado próximo à Igreja do Rosário, na parte antiga da Cidade Alta. Mas a Senhora Machado era viúva de quem?

Apenas aqueles mais informados sobre temas históricos sabem que seu esposo era um português chamado Manuel Duarte Machado, certamente um dos maiores empreendedores que o Rio Grande do Norte conheceu na primeira metade do século XX.

Segundo um texto de Orlando Correia, escrito na época do falecimento de Manuel Machado, ele nasceu em Santarém, Portugal, em 21 de junho de 1881, em uma década onde o seu país viveu um período de relativa tranquilidade política, mas a industrialização, a modernização da agricultura e a ampliação da educação da população eram situações que em Portugal seguiram de forma muito mais lenta do que em qualquer outro país na Europa Ocidental.

Talvez isso possa explicar porque Manuel Machado veio muito jovem para Natal, onde se tornou empregado no comércio de um tio chamado José Maria Ma-

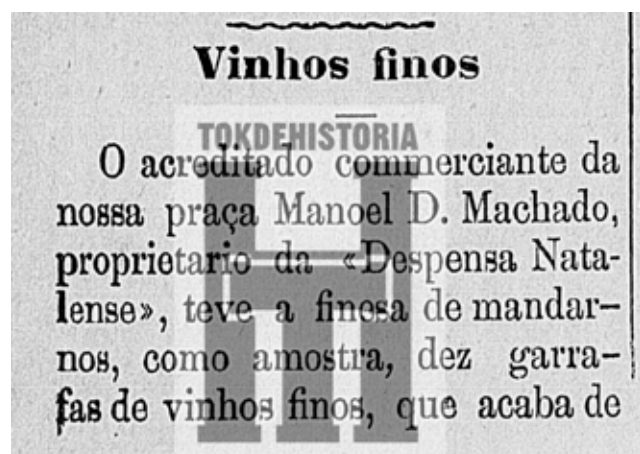
chado, que por aqui vivia e, aparentemente, já tinha uma certa idade.

Consta que o jovem Manuel trabalhou nesse comércio durante algum tempo, mas logo compreendeu as limitações de como seu tio tocava o negócio e ele decidiu buscar novos horizontes.



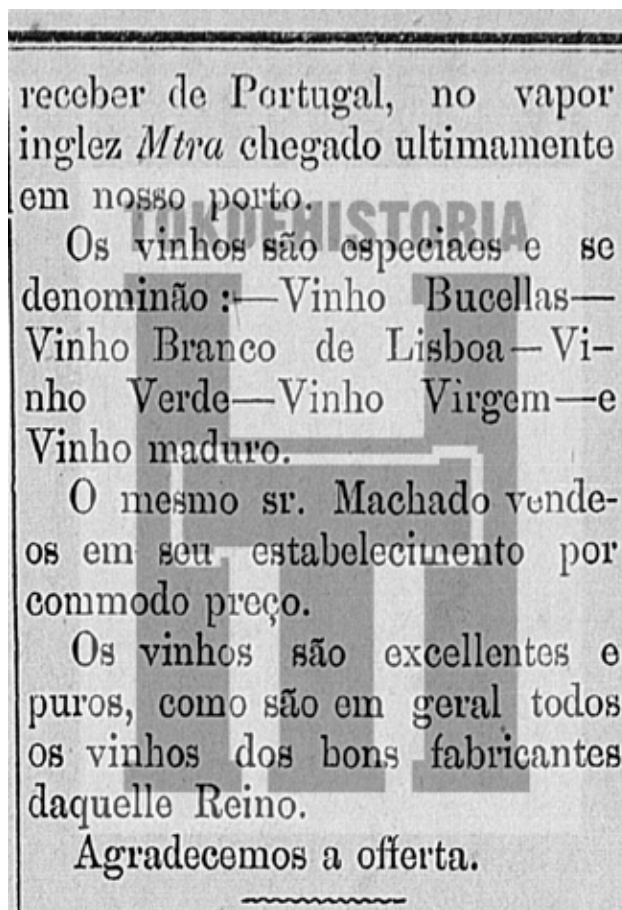
Sabemos que, em 1906, Manuel Machado adquiriu um comércio de um cidadão chamado José Chaves, e que este ficava na Ribeira. Segundo a propaganda acima, esse negócio nada mais era que uma mercearia e ele a chamou de “A Despensa Natalense”.

Essas mesmas propagandas mostram que ele não perdeu todos seus vínculos com a “Terrinha”, pois sua loja trabalhava bastante com produtos recebidos de Portugal. Tudo indica que esse caminho de importação de produtos portugueses pode ter diferenciado seu trabalho em relação a outros vendedores na cidade.



Uma situação que não descobri foi se o seu irmão Cláudio Duarte Machado chegou a Natal nesse período, ou se veio junto com Manuel. O certo é que vamos encontrar informações que eles trabalhavam juntos. E trabalharam bastante, pois é muito claro nos jornais natalenses o progresso daqueles portugueses no comércio da cidade.

Uma situação que parece mostrar a prosperidade dos irmãos está no jornal A República (Ed. 17/01/1917-Pág. 2), quando vemos o nome de Manuel D. Machado como um dos sócios fundadores do Sport Club Natalense, uma agremiação social e esportiva, junto com figuras como Juvenal Lamartine, Alberto Maranhão, os



irmãos Henrique e Elói de Souza e outros.

Orlando Correia deixou registrado que em determinado momento de sua vida, Machado conheceu Antônio Loureiro, dono de uma das mais importantes firmas comerciais do Recife. Esse encontro se deu em uma ocasião que Loureiro veio a Natal, a negócios de sua casa comercial.

Machado aproximou-se dele e falou de seus propósitos de negociar mais amplamente. O senhor Loureiro ouviu atentamente, certificou-se de suas aptidões e como um homem de negócio experiente, estava habituado a ajuizar o valor dos indivíduos com quem tratava.

Logo ao primeiro contato Loureiro, convenceu-se de que Manoel Machado possuía as grandes qualidades que asseguraram a mais completa vitória na área do comércio local e lhe deu a mão. Essa ajuda foi fundamental para Manoel e Cláudio Machado progredirem mais e mais.



Os dois irmãos, muito amigos e sócios, delimitaram as respectivas atribuições no negócio. A Manuel Machado coube a chefia da empresa, onde exercia as suas atividades no escritório. Já Cláudio ficava na gerência autônoma do grande armazém de estivas, que chegou mais tarde a ser nesse ramo o maior estabelecimento de Natal e talvez do Rio Grande do Norte.

Várias fontes apontam de maneira repetitiva que Machado e seu irmão não davam trégua à morosidade e eram verdadeiros abnegados do trabalho. Talvez eles seriam vistos hoje como “workaholics”.

Logo nos primeiros anos atingiram um tal grau de prosperidade, que no primeiro balanço regular realizado eles se surpreenderam com os recursos que já possuíam. Diante dessa situação ampliaram mais o campo de ação, fazendo com que sua empresa passasse a realizar operações de maior vulto no alto comércio de importação e exportação, adicionando sessões de representações, comissões e consignações.

Machado passou a atuar junto às repartições públicas para fornecimento de materiais necessários para construção de estradas de ferro, obras contra o flagelo da seca, a ampliação do Porto de Natal e outras. Consta que apesar do prejuízo de

centenas de contos de réis junto a governos mal pagadores, a empresa pôde vencer as dificuldades resultantes.

Seus principais empregados eram Hermínio Fernandes e Aníbal Correia. Em Natal, o luso Manoel Machado casou com uma mulher de origem simples, cujo nome após o matrimônio ficou registrado como Amélia Duarte Machado.



Amélia Duarte Machado, a “Viúva Machado”.

Amélia, que ficou conhecida como Dona Amelinha, mas que hoje em dia é lembrada apenas e tão somente como a “Viúva Machado”, nasceu em Mossoró, sendo filha do agricultor Ovídio Benevides de Melo e de Maria Benevides. Buscando novas perspectivas, seus pais vão para Fortaleza, Ceará, onde a jovem estuda em um colégio local.

Depois, seguem para a cidade litorânea potiguar de Areia Branca, no Rio Grande do Norte, onde a família montou uma pensão. Provavelmente fruto de certa prosperidade dessa atividade empresarial, Ovídio desembarca com sua família em Natal para montar uma pensão no bairro da Ribeira, na Rua das Virgens, atual Câmara Cascudo.

Não demorou para Ovídio se entrosar com os comerciantes locais e foi através da amizade do seu pai com o lusitano de Santarém que começou o namoro dele com a jovem Amélia.

O casório ocorreu na Igreja Bom Jesus das Dores, em 22 de outubro de 1903. Depois da cerimônia, os nubentes e os convidados seguiram a pé para a casa do pai da noiva e certamente festejaram com um bom vinho do Porto.

Apesar de muitas tentativas, a união do português com a mossoroense não gerou filhos e nem isso aparentemente criou qualquer tipo de rompimento do casal e eles continuaram juntos até a morte de Manuel.



A casa de Manuel e Amelinha Duarte – Foto – Rostand Medeiros

Em 1920, o português e Amelinha se mudaram da Ribeira para um palacete na Cidade Alta, construído dez anos antes por Jorge Barreto de Albuquerque Maranhão, considerado um dos mais ricos da cidade e sobrinho do governador Alberto Maranhão. Jorge vendeu o belo imóvel ao casal quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde faleceu em 1946.

Dada a prosperidade dos negócios de Manoel e Cláudio Machado, eles passaram a adquirir propriedades não muito distantes de Natal, como a Fazenda Pitimbu, na qual introduziram grandes melhoramentos agrícolas, ou a Salina Carnaubinha, que na década de 1930 era a maior e mais bem aparelhada das que existiam nas margens do Rio Potengi. Além das fazendas Guarapes, Peixe-boi, Ferreiro Torto (onde existe um histórico casarão) e Queimadas, essa última para exploração de gado.

CASA MACHADO
A DESPESA NATALENSE

O mais antigo e conceituado estabelecimento no gênero, de linda capital potiguar. Completo e variado sortimento de gêneros de primeira necessidade, frutos verdes, verduras, conservas, bebidas nacionais e estrangeiras, etc.

Instalação frigorífica de 1.ª ordem. Fornecedor das forças americanas e aos navios ancorados naquele porto. Preços sem competição. Entrega a domicílio.

Rua Chile, 128 — Fone 53 — Ribeira-Natal. Estado do Rio Grande do Norte.



Manoel Duarte Machado, fundador da importante firma Viúva M. Machado, sucessora, falecido no Rio de Janeiro, aos 20 de novembro de 1934.

Em relação à questão se as empresas e as terras eram divididas igualmente entre os irmãos Manuel e Cláudio Duarte Machado eu realmente nada sei. Mas sabemos também que eles desenvolveram uma fábrica de bebidas na Rua Chile e que a “Despensa Natalense” se tornou a grande mercearia que atendia aos moradores da Ribeira e arredores.

Em 4 de maio de 1928, a empresa M. Machado e Cia. perdeu um dos seus sócios, quando faleceu Cláudio Duarte Machado. Além do óbvio, não temos informações de como essa notícia repercutiu junto a Manuel, mas em relação aos negócios seu irmão liquidou a M. Machado e Cia., assumindo a responsabilidade pelo ativo e o passivo da firma extinta. Passou então a negociar sozinho com a razão M. Machado e os negócios continuaram a prosperar consideravelmente.

Sabemos que os efeitos da grande crise mundial

ocasionada pelo “crash” da Bolsa de Nova York de 1929, bem como as secas periódicas que assolaram o Rio Grande do Norte entre as décadas de 1920 e 1930, atingiram o comércio de Manuel Machado, mas ele continuou progredindo.

Machado possuiu importantes armazéns situados no cais do Porto de Natal, várias casas e muitos terrenos, alguns de grande valor nos bairros da pequena capital potiguar. Uma das áreas que ele possuía, devido a quantidade de árvores existentes, ficou conhecido como a “Mata de Manuel Machado”, ou “Mata de Petrópolis”, devido a sua localização.

Essa área verde, onde predominava o pau-ferro, praticamente deixou de existir com a expansão do bairro após a Segunda Guerra e grande parte da madeira serviu para abastecer os fornos dos motores que geravam energia elétrica da empresa Força e Luz.



O DORNIER DO-X

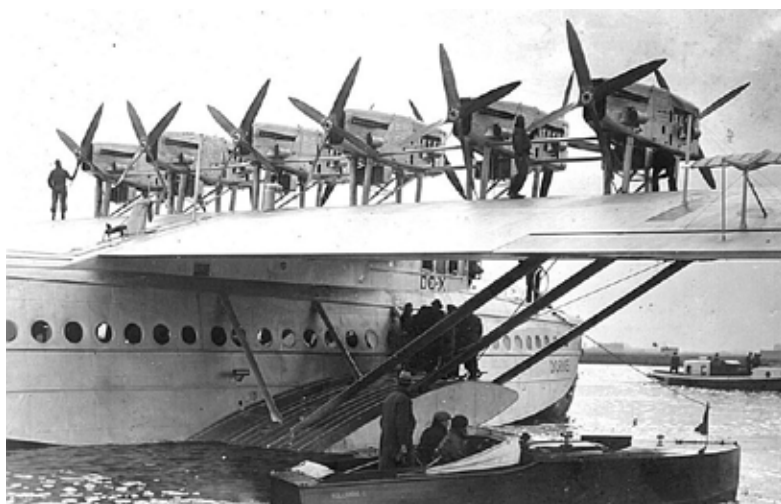
Ele nunca esqueceu as suas origens portuguesas e quando podia fazia questão de lembrar aos natalenses os grandes feitos dos portugueses. Uma maneira de lembrar isso ocorreu em 5 de junho de 1931, quando amerissou nas tranquilas águas do Rio Potengi o maior hidroavião do mundo naquela época.

Era o monstruoso Dornier DO-X, sendo esse “X” indicativo do décimo número do alfabeto romano. Mas aqui em Natal essa máquina com doze motores ficou mesmo conhecido como “DOX”. Esse monstro da engenharia alemã chamou a atenção de Manuel Machado não pelo seu país de ori-

gem, mas por um passageiro que seguia a bordo.

Ninguém menos que o aviador português Carlos Viegas Gago Coutinho, seguramente a figura mais emblemática da história da aviação de Portugal, que fez o corajoso voo de Lisboa ao Rio de Janeiro, atravessando pioneiramente o Atlântico Sul na companhia de Sacadura Cabral, completou 100 anos em 5 de abril de 2022.

Consta que Manuel Machado recebeu em seu palacete com toda pompa e circunstância Gago Coutinho e a tripulação do “DOX”. (Ver – <https://tokdehistoria.com.br/2013/08/20/1931-o-grande-hidroaviao-do-x-em-natal/>).



No momento em que suas empresas estavam no auge, Manuel Machado foi acometido de um câncer na boca. Ele se transferiu para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de tratamento, onde ficou internado na Casa de Saúde Dr. Eiras, no bairro de Botafogo. Faleceu no dia 20 de novembro de 1934, aos 53 anos de idade. Seu corpo foi enterrado primeiramente no Cemitério São João Batista e depois trasladado para Natal de navio, onde repousa no tradicional Cemitério do Alecrim.



Justamente em uma de suas propriedades adquiridas, a Pitimbu, Manoel Duarte Machado realizou aquilo que pode se considerar seu grande e mais marcante feito protagonizado em sua vida.

E esse feito não foi a compra de um maravilhoso carro importado, ou de um potente avião, ou a construção de um palácio suntuoso, ou ainda a criação de uma grande indústria que o deixaria muito mais rico do que era e que mataria de inveja a pobre e burra elite que existia (existia?) em Natal. Seu grande feito foi uma doação!



Em 1927, devido a sua privilegiada posição estratégica, Natal entrou definitivamente na mira dos aviadores em todo o mundo e dos governos dos países que ajudavam a expansão da sua aviação comercial.

Através de representantes na cidade, a empresa aérea francesa Aéropostale buscou Manuel Machado para construir em uma faixa de 1.000 por 1.000 metros, um campo de pouso na área da Fazenda Pitimbu. O Lugar ficava perto de um rio chamado Parnamirim, a dezoito quilômetros do centro de Natal e possuía as características ideais para o pouso e decolagem de aviões.

Bem, Manuel Machado poderia ter dado a resposta que quisesse, pois a terra era sua, mas ele decidiu doar o terreno aos franceses. Mesmo compreendendo que nessa doação certamente estava embutida, pelo menos a curto prazo, a ideia de valorizar os terrenos que o proprietário tinha na região.

Acredita-se que Manuel Machado também compreendeu o que significava o desenvolvimento da aviação em solo potiguar, ligado a questão da sua privilegiada posição estratégica e de como isso poderia ser bom para seus negócios e para a região de uma maneira geral.



A base de apoio dos aviadores franceses no Campo de Parnamirim

Manuel Machado não viveu para ver o que aquela faixa de terra doada se transformou. Na Segunda Guerra Mundial o lugar ficou conhecido como Parnamirim Field, sendo uma das maiores bases aéreas do hemisfério sul e importante ferramenta da máquina da vitória dos Aliados naquele conflito.

E não foi só a terra de Manuel Machado queaju-

dou no desenvolvimento daquela base. Em um texto escrito em 1945 por Orlando Correia, para lembrar a vida de Manuel Machado, ele afirmou que foi da pedreira que fazia parte do antigo terreno do Ferreiro Torto, tida com a maior e mais próxima de Natal, de onde saiu muita pedra para ajudar na construção daquele imenso complexo aeronáutico.



Detalhe da casa de Manuel Duarte e Amelinha – Foto – Rostand Medeiros.

O interessante foi que com o passar do tempo, de forma gradativa, a sua figura foi sendo eclipsada pela da esposa Amélia Duarte, que faleceu discretamente em 17 de outubro de 1981, aos 99 anos de idade, no casarão adquirido pelo seu esposo em 1920 e que continua até hoje ativo e marcando a paisagem do centro da cidade.

Ainda sobre esse patrimônio, vale comentar que com o passar do tempo e diante da ferocidade das construtoras e do meio imobiliário na capital potiguar, cada vez mais essa residência se torna uma das mais raras e interessantes edificações privadas do século XX preservadas em Natal.

CENTENÁRIO PARISOT

Por Eliana Lima

Na edição passada, publicada virtualmente no site www.bznoticias.com.br, o historiador Ivan Lira de Carvalho assinou uma bela matéria sobre a vida e a obra do natalense Aldo Parisot, como muito bem ele descreve: “o mais perfeito violoncelista do mundo, à sua época”.

Diante da alta significação, reproduzimos nesta versão impressa a história contada por Ivan. Coincidência, ou não, Aldo Parisot ganhou repercussão merecida. A parede lateral da passarela da Av. Senador Salgado Filho,

via que é a porta de entrada para Natal, ganhou belo painel pelas mãos do artista visual Fábio Freitas.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, a Escola de Música (EMUFRN) criou o Projeto Aldo Parisot, em parceria com a Fundação Nacional de Artes (Funarte), o Centro de Ensino Superior do Seridó (Ceres) e os Institutos Federais de Caicó e Jucurutu, para levar música clássica a diferentes partes do Rio Grande do Norte, com foco inicial na região do Seridó.

POIS BEM

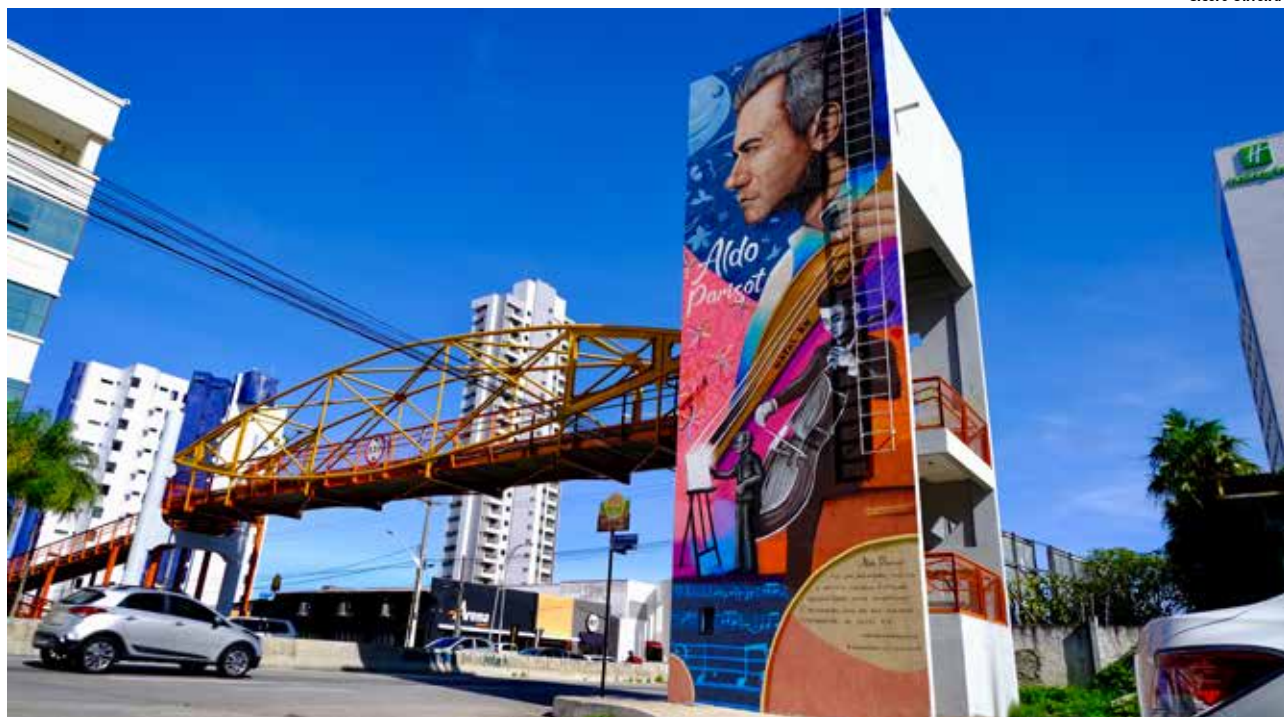
Parisot viveu espetaculares 100 anos de vida, que completou no dia 30 de setembro de 2018. Mesmo ano em que partiu, no dia 29 de dezembro.

Partida que ganhou despedida poética no seu site www.aldoparisot.com:

- Rodeado de seus quadros e a família, o violoncelista brasileiro Aldo Simões Parisot morreu no sábado (29), enquanto ouvia Bidu Sayão cantando A Casinha Pequenina e as Bachianas Brasileiras no. 5, de Villa-Lobos.

Nas próximas páginas, deleitem-se sobre a vida e a obra desse gigante potiguar no primoroso texto de Ivan Lira.

Cícero Oliveira





Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN.
Professor da UFRN, Juiz Federal



Aldo Parisot, 1952

ALDO PARISOT

Genialidade musical **sobre arco e cordas**

ALDO PARISOT FOI O MAIS PERFEITO VIOLONCELISTA
DO MUNDO, À SUA ÉPOCA

No seio de uma família de classe média, recentemente formada por um imigrante francês, comerciante (Luiz Theodore Parisot) e uma dona de casa (Ângela Simões) na cidade de Natal-RN, Rua General Glicério, Ribeira, nasceu o garoto Aldo a 30 de setembro de 1918. Já em 1922 aquele lar foi golpeado com a morte repentina do varão, aos quarenta e cinco anos de idade. A viuvez de Ângela não durou muito, pois poucos anos adiante estava casada com o maestro italiano Tomazo Babinni, que morava em Natal desde 1909, trazido pelo então Governador Alberto Maranhão, para se integrar ao conservatório local, conforme noticia Fábio Presgrave. Detalhe curioso: Babinni tocou a festa do casamento de Ângela e Luiz. Assim, Aldo e o irmão Danilo (violinista) se tornaram enteados do musicista, aos quais se juntou mais adiante o irmão Ítalo (também renomado celista).

Peralta, Aldo fez tudo que era permitido e proibido aos meninos da sua idade: jogou futebol, atravessou a nado o Rio Potengi, gazeou aulas, escalou árvores. Algumas traquinagens foram confessadas por ele em retorno à sua terra de origem: subiu em uma mangueira do quintal de casa e quando estava bem deitado em um galho, saboreando um fruto, pluft, caiu e quebrou o braço. Antes que o rigoroso padraço retornasse ao lar, correu à casa do seu tio-afim, médico Januário Cicco, que providenciou a imobi-

lização e o caso ficou como “coisa julgada”. Outra: o amigo Marito Lira passava para chamá-lo ao futebol, mas Aldo tinha lições de violoncelo a cumprir enquanto Babinni lecionava na Escola Doméstica e outros estabelecimentos. A solução foi dar um pequeno talho de tesoura em uma das cordas do instrumento, que se rompeu ao primeiro toque, liberando o infernal atleta para a pelada. Entretanto, o temperamento afogueado de Aldo cedia aos rigores do padraço/mestre, que lhe impunha uma jornada diária de seis horas de estudo de violoncelo, somada a aulas regulares e outras no Instituto de Música, dirigido por Waldemar de Almeida. Quando não se saía bem, castigo! Em duas ocasiões o Maestro Babinni, insatisfeito com um *si bemol* do pupilo, quebrou na sua cabeça o próprio arco de tocar o violoncelo.



Thomaso Babinni no Recife, início dos anos quarentas



Ítalo Babinni, meio-irmão de Aldo Parisot, foi o principal violoncelista da Sinfônica de Detroit

Mas foi graças a esse somatório de estudos que o garoto Aldo, antes dos dez anos já tocava nas missas da Igreja do Bom Jesus das Dores, proximidades da sua residência, enquanto a mãe cantava e a tia Isabel (esposa de Januário Cicco) executava hinos sacros ao órgão. Não demorou muito e já estava dando concertos no Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão), merecendo consagrada crítica de Câmara Cascudo e de outros escritores, a exemplo de Waldemar de Oliveira, renomado teatrólogo e agitador cultural pernambucano, que estando na capital potiguar em 1934, assistiu uma apresentação de pequenos músicos natalenses e assim escreveu ao voltar ao Recife: “De uma afinação rigorosamente certa, um jogo de arco impecável e um senso interpretativo acima do que se poderia exigir de sua idade, Aldo Parisot completa esta trinca de artistas que necessita ser ouvida pelo público recifense”⁴.

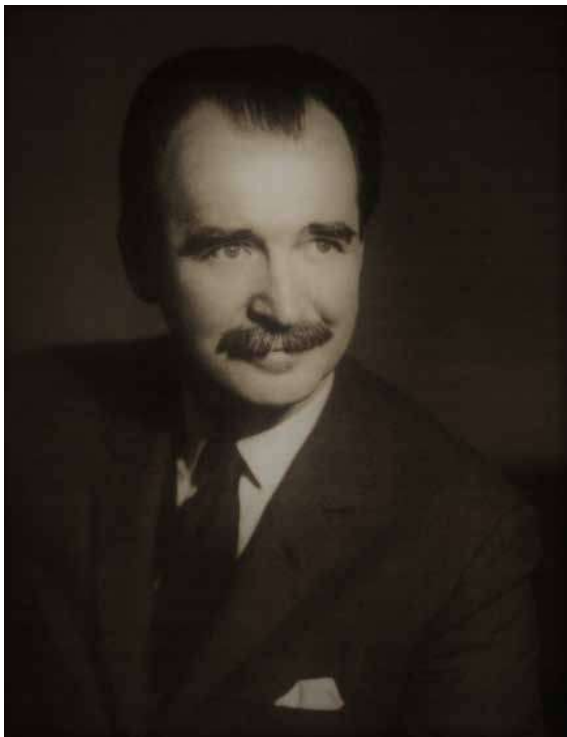
Pois é justamente Recife que vai acolher o talento de Aldo Parisot, em 1935 (aos dezesseis anos, portanto), para um concerto no Teatro de Santa Isabel, sucesso de público e de crônica, merecendo elogios de Ernani Braga⁵, então diretor do conceituado Conservatório de Música de Pernambuco: “Se ele fosse vaidoso, já teria muito que se pavonear: – uma técnica segura e de largo desenvolvimento, uma afinação justa e uma sonoridade rica. Mas nada disso lhe tira o ar infantil e despreocupado em todas as atitudes e expressões”.



Aldo em Natal -
Infância e instrumento



1943 - Parisot toca com F. Mignone e Ricardo Odnoposoff



Carleton Sprague Smith, o homem que levou Aldo Parisot para os EUA



Aldo, em ocasião de gala

Em 1936, quando completa dezoito anos, Parisot vai trabalhar na orquestra da PRA-8, Rádio Clube, integrante dos Diários e Emissoras Associadas no Recife, império de comunicações erigido por Assis Chateaubriand. Ali fica por pouco tempo, chegando a apresentar, no Teatro de Santa Isabel, um concerto com o pianista Tullio Tavares, também potiguar. Casa cheia! Mas isso não prendeu Aldo, que rumou para o Rio de Janeiro, objetivando aperfeiçoar a sua arte com Iberê Gomes Grosso, então o maior referencial brasileiro do violoncelo. Ali passou cinco anos, tocando na Orquestra Sinfônica Nacional⁶ e na Rádio Nacional, alimentando um sonho dividido em três partes: a) viajar para o estrangeiro; b) reger uma

grande orquestra; c) possuir um Stradivarius. Realizou todas as etapas, não sem sacrifícios⁷.

No Rio, Aldo Parisot tocou em diversas formações. A mais consistente foi o Quarteto Iacovino (depois denominado Quarteto Guanabara), que integrou com Mariuccia Iacovino (violino), Santiago Parinelli (violino) e Henrique Niremborg (viola). No paralelo, formou um trio com Oriano de Almeida (pianista, também norte-rio-grandense) e Cláudio Santoro (violino), que se tocava nas manhãs de domingo na Chácara de São Cristóvão⁸.

A inquietude que contrastava com a delicadeza que timbrava as suas execuções musicais, agitou o seu desejo de dar concretude ao sonho tripartido acima referido. Procurou ajuda oficial

para ir estudar nos Estados Unidos. Queria ao menos a passagem aérea, mas em vez de conseguir o ticket guardou a tristeza da negativa. Não se abateu. Certa noite de 1941 estava tocando na Orquestra Sinfônica Nacional e na plateia estava o adido cultural da embaixada americana, Carleton Sprague Smith, musicólogo, que se encantou com o desempenho de Aldo e o convidou para na noite seguinte comparecer ao seu apartamento, onde estaria sendo festejado o violinista e maestro Yehudi Menuhin. Foi. Lá o adido o estimulou a se aperfeiçoar na América e em poucos dias conseguiu para Aldo a passagem e um indicativo para estudar em Yale. Chegando na terra do Tio Sam, Parisot realizou concertos de norte a sul, angariando duzentos

dólares para custear a sua estada. Matrícula feita, aulas em curso, o músico viu o dinheiro amealhado sumir em pouco tempo, o que lhe levou até mesmo a passar fome. Compadecidos, alguns estudantes veteranos conseguiram para ele um emprego de lavador de latrinas na própria Universidade de Yale, diariamente, e outro para ser guarda no museu da instituição, nos finais de semana. E foi assim que Aldo pode dar prosseguimento ao seu aprendizado, estudando música de câmara com

Paul Hindemith. Até que em 1948 a sua atenção foi despertada para um anúncio de que a Orquestra Sinfônica de Pittsburgh estava selecionando violoncelistas. Foi lá e conseguiu o primeiro lugar entre quarenta disputantes, assumindo o lugar de *spala* e logo depois já estava gravando “uma soberba leitura das Variações de Don Quixote, de Richard Strauss, regido por Victor de Sabata”⁹.

Ainda segundo João Carlos Coelho, em 1950 Aldo estreou no Town Hall, de N. York, sendo

“o registro ao vivo do concerto nº 2 de Hayden com John Barbirolli e a Filarmônica de Nova York o consolidou internacionalmente”¹⁰. Com essas luzes, em ocupou a docência na renomada Juilliard School (atualmente sediada no Lincoln Center), sem nunca deixar de dar concertos pelos mais diversos países, inclusive participando de várias edições do renomado Festival de Inverno de Campos do Jordão, circunstância que lhe cobria de felicidades, por permitir conta-



O bom humor dos amigos geniais Aldo Parisot, Villa-Lobos e Burle Marx

tos com a sua pátria, para onde voltou outras vezes para ministrar o célebre curso de violoncelo patrocinado pelo Estado da Paraíba em 1987, quando Tarcísio Burity, jurista e músico, era Governador. Em 1958 assumiu o cargo que lhe deu maior estabilidade profissional, como professor da Escola de Música da Universidade de Yale, de onde havia sido aluno. Ali ficou por sessenta anos, já que somente requereu aposentadoria em julho de 2018, sendo que nesse intercurso experimentou incontáveis momentos de glória, a exemplo da indicação para Grammy em 1988, com a sua gravação da sua peça “Bach Bachianas”.



Parisot, atento à arte



Villa-Lobos e Parisot,
música em elevado nível

Na vida privada teve família edificada em duas etapas. Foi casado com a professora de música Ellen Lewis, com quem teve três filhos: Aldo Luis, nascido em 1952, consagrado cineasta conhecido com Dean Parisot (diretor de sucessos como “Red 2 – Aposentados e ainda mais perigosos”, com Bruce Willis, Catherine Zeta-Jones e Anthony Hopkins); Robert Parisot, nascido em 1954, consagrado arquiteto nos EUA e o escultor Ricardo Parisot, Rick, de 1956, que vive em Wilton, Connecticut. O segundo casamento, com a pianista Elizabeth Sawyer Parisot, durou 52 anos, até o seu falecimento, em 2018, quando já completara um centenário de vida. O seu obituário reporta os últimos momentos do genial violoncelista potiguar: “Dentro de sua casa, em uma bela tarde e cercado por suas próprias pinturas e familiares, ouviu uma gravação inicial da soprano brasileira Bidu Sayão cantando uma de suas canções folclóricas favoritas de sua infância, ‘A Casinha Pequena’

nina’, e concluiu sua jornada ouvindo a Bachianas Brasileiras nº 5, escrita por seu querido amigo e compositor, Heitor Villa-Lobos”¹¹.

Residia em Guilford, Connecticut, onde repousa eternamente. Para as homenagens póstumas, ao invés de flores, a família sugeriu doações ao Fundo de Violoncelos de Yale, através do gabinete do reitor da Escola de Música da instituição educacional.



Ellen Lewis Parisot - Primeira esposa de Aldo - Professora de música e mãe dos seus três filhos

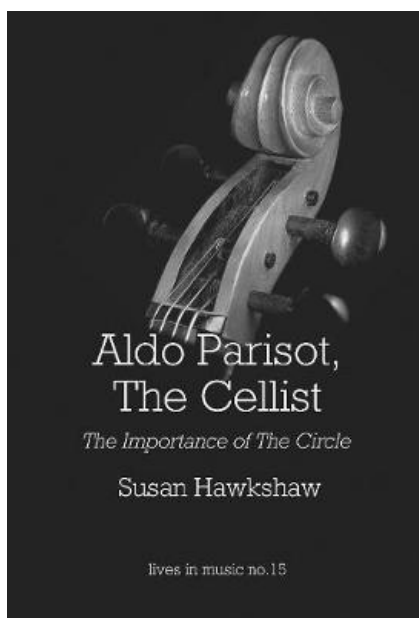
“Dentro de sua casa, em uma bela tarde e cercado por suas próprias pinturas e familiares, ouviu uma gravação inicial da soprano brasileira Bidu Sayão cantando uma de suas canções folclóricas favoritas de sua infância, ‘A Casinha Pequena’, e concluiu sua jornada ouvindo a Bachianas Brasileiras nº 5, escrita por seu querido amigo e compositor, Heitor Villa-Lobos.”



Dean, Robert e Rick Parisot



Elizabeth Sawyer Parisot, segunda esposa de Aldo



Biografia de Aldo Parisot, pela Professora Susan Hawkshaw, de New Haven-EUA



A música no espírito de Parisot



Últimos anos de Parisot, com o celista Yo-Yo Ma.

- 1 PRESGRAVE, Fábio. Regozigem-se todos, inclusive os flagellados pela sêcca... Ahi vem de onde não sabemos, o illustre Sr. Tomaso: Um olhar sobre a saga de Thomaz Babini. In **Violoncelo um compêndio brasileiro**. TEIXEIRA, William, org. Campo Grande-MS, Ed. UFMS, 2021. pp. 156-169.
- 2 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**. Natal, Televisão Universitária, 1988. Entrevista a Carlos Lyra, Alvarado Furtado, Oriano de Almeida e Mozart de Almeida Romano. Disponível na Internet em <https://youtu.be/V3AAWkWUN9M>. Acesso a 17 mar. 2022.
- 3 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**, op. cit.
- 4 OLIVEIRA, Waldemar de. Impressões de Natal. **A República**, Natal, 28 de janeiro de 1934, citado por GALVÃO, Cláudio. **O nosso maestro: biografia de Waldemar de Almeida**. Natal, EDUFN, 2019. p. 223.
- 5 BRAGA, Ernane. **A República**, Natal, 28 de janeiro de 1934, citado por GALVÃO, Cláudio. **O nosso maestro: biografia de Waldemar de Almeida**. Natal, EDUFN, 2019. p. 231.
- 6 MARQUES, Clóvis. A OSB setentona. **Concerto**, Gramophone, São Paulo, ano XV, número 160, pp. 16, abr. 2010.
- 7 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**, op. cit.
- 8 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**, op. cit.
- 9 COELHO, João Marcos. Morre Aldo Parisot, um dos maiores violoncelistas brasileiros. **Estado de São Paulo**, Caderno Cultura, Seção Música, 31 dez. 2018. Internet, <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,morre-aldo-parisot-um-dos-maiores-violoncelistas-brasileiros,70002662618>. Acesso a 15 mar. 2022.
- 10 COELHO, João Marcos, op. cit.
- 11 Disponível na Internet em <https://www.aldoparisot.com/>. Acesso a 26 mar. 2022.



DE FRENTE **PARA O MAR**

PREMIADO INTERNACIONALMENTE, O HOTEL-ESCOLA BARREIRA ROXA SE DESTACA POR OFERECER O MELHOR DA HOSPITALIDADE POTIGUAR COM A MARCA SENAC

Proporcionar a melhor experiência em hospitalidade no Rio Grande do Norte. Com essa missão o Hotel-Escola Senac Barreira Roxa foi reinaugurado no início de 2019, sob administração do Sistema Fecomércio RN, e desde então se destaca como referência de excelência no turismo regional, colecionando prêmios e certificações.

O hotel, que fica na badalada Via Costeira, em Natal, sem rua à frente, apenas areia e mar, dispõe de 52 unidades habitacionais e pode acomodar até 150

leitos. A estrutura conta com salão de jogos, academia de ginástica, espaço infantil, baby copa e área de lazer.

Hóspedes e visitantes também podem desfrutar do Bar Teófilo e o Restaurante Navarro, espaços gastronômicos abertos ao público, com cardápios que privilegiam ingredientes locais, a partir de releituras que consideram técnicas da cozinha contemporânea. O Hotel possui ainda um moderno Centro de Eventos, com diversos espaços que podem acomodar eventos empresárias e sociais

para até 500 pessoas.

No Centro de Educação Profissional, são duas Cozinhas Pedagógicas, Laboratório de Panificação e Confeitaria e Laboratório de Alimentos e Bebidas, além de seis salas de aula e uma biblioteca com os principais títulos dos segmentos de turismo, hospitalidade, gastronomia e lazer.

Após passar pela reforma, todos os ambientes foram rigorosamente preparados para receber pessoas com dificuldades de acessibilidade, consolidando-se como um equipamento que alia

a estrutura física dos grandes empreendimentos hoteleiros do Brasil com o conceito intimista e charmoso dos pequenos hotéis.

“O Hotel-Escola Senac Barreira Roxa oferece à sociedade um complexo moderno e funcional e que atua como um manancial para suprir o mercado com uma mão de obra de excelência. Essa oferta se reflete na melhoria substancial da atividade turística, contribuindo diretamente no desenvolvimento socioeconômico do Rio Grande do Norte”, afirma o presidente do Sistema Fecomércio RN, Marcelo Queiroz.

PREMIAÇÕES

Graças ao serviço e atendimento de excelência desempenhados pelo hotel, desde sua reinauguração, o Barreira Roxa coleciona reconhecimentos nacionais e internacionais.

Em 2021, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) concedeu ao hotel o selo ISO 21401:2020, consagrando-o como único na América Latina certificado por desempenhar um modelo de gestão sustentável.

Dois meses após o título, o hotel recebeu da fundação holandesa Green Destinations dois importantes certificados de excelência concedidos também de forma inédita no Brasil, o Good Travel Seal, pelo reconhecimento e compromisso de empresas turísticas nos campos da gestão



Prato muito apreciado do Restaurante Navarro: Guiné



Risólio também é outro prato muito apreciado

ecológica, responsabilidade social, saúde e segurança, além do selo Virus-Aware Seal, concedido aos estabelecimentos turísticos reconhecidos por implementarem medidas de recuperação rápida e inteligente para o cenário pós-covid.

“Desde o início da pandemia de covid, o Hotel-Escola tem servido de case e contribuído com

outros estabelecimentos. Essas certificações são fruto do cuidado que empreendemos para a sociedade como um todo, pois, além de oferecermos excelência e segurança ao público que usufrui dos nossos serviços, proporcionamos a divulgação internacional do nosso estado como um destino comprometido com a sustentabilidade”, considera Queiroz.

Marcos Moreira

Anastácia Vaz



A dois passos do paraíso



INTERNET

O Barreira Roxa também tem garantido um excelente posicionamento na avaliação do público pela internet. Nos sites de viagens e reservas, o hotel conquistou as maiores notas em premiações que consideram a avaliação deixada pelos hóspedes.

Em 2022, pelo terceiro ano seguido, o Hotel-Escola está entre os estabelecimentos consagrados com o Traveller Review Awards, programa realizado anualmente

pelo site de buscas e reservas de hospedagens Booking, e o Travelers Choice, do site Tripadvisor, premiações que reconhecem os hotéis mais bem avaliados nas notas deixadas pelos viajantes após a estadia.

“Essas premiações se somam aos que recebemos ao longo de 2021, um ano desafiador para atividade turística, mas que nos provocou um esforço maior para executarmos um

serviço ainda mais excelente. Não tenho dúvidas será a primeira de muitas premiações, pois contamos com uma equipe de colaboradores comprometida em oferecer o melhor atendimento”, comemora o gerente do hotel, Celso Paiva.

**Para conhecer o
complexo Barreira Roxa:**
www.barreiraroxa.com.br

Tilintares

Fotos Paulo Lima/Brasília

Toda publicitária e empresária badalada na capital brasileira, Cláudia Pereira ganhou bela festa de aniversário com almoço pilotado pela amiga Ana Maria Gontijo, que abriu sua linda casa no Lago Sul de Brasília em torno de parabéns pra você!



Wilma e Cláudia Pereira e Ana Maria Gontijo



Ana Alice Costa e Silva e Maria Helena Penna



Isaura Lara Resende e Elizabeth Amorim



Cláudia Peralta, Mércia Crema e Valeska Tonet de Camargo



Cláudia Pereira entre Ana Maria e Melissa Gontijo



Tereza Neves, Betty Bettiol e Cleuza Ferreira

NADA BÁSICO

Fotos Simone Silva e Bebeto Torres

Os convidados dos aniversariantes pai-filho Ricardo e Rodrigo Cabral eram surpreendidos logo que o elevador abria-se. Uma profusão de balões vermelhos indicava a boa festa. Ideia do top Matheus Bulhões. Na mesa de delícias Fátima Barros, 400 tultitas de Holambra. Vários ambientes do apartamento eram incríveis. Num, Heltinho servia suas ostras fresquíssimas. Noutro, os coquetéis Zanzi, champanhe Crémant de Loire e Old Parr. Na área aberta, bistrô com cigarros, charutos e bandeja de doces. Som na caixa com os DJs Alvarez e Venturi, este acompanhado do sax de Rafael Santos. Dois inusitados bolos com assinatura Tereza Vale.



Rodrigo recebe o abraço do amigo Matheus Bulhões



Vanessa Melo, Roberta Jales



Matheus Alves, Priscila Matias e Vitor Pacheco



Patricia Cunha, Ricardo Cabral, Daniel Oliveira e Rodrigo Cabral



Dorian Jorge Cabral e Ana Luisa Sinedino



Cácio Paiva e Eliana Lima



Maria Eduarda Gomes, Bia Soares e Priscila Fernandes



Heltinho, o Rei da Ostra



Os bolos inusitados



A entrada cheia de estilo



Cácio Paiva, Dani Mota, Renato Alves, Roberta Jales



Simone Silva, Eliana Lima, Bebeto Torres

ELE É O CARA

Por Eliana Lima | Fotos: Alex Costa

O fotógrafo brasileiro Alex Costa ousou trocar Natal, no Rio Grande do Norte, por Lisboa no auge do seu sucesso profissional. Irrequieto, tem sede por beber em fontes variadas de desafios. E as terras lusitanas eram um sonho que se transformou em realidade. Com seu talento e sua garra para registrar os mais belos ângulos em lentes com seu olhar espetacular, firmar-se em qualquer lugar é tarefa certa. E assim foi e é em Portugal, onde não demorou para ser reconhecido e assinar as mais badaladas produções de chiques e famosos. Idem moda e empresas. E agora ela marca os mais de 20 anos de



experiência com a abertura de estúdio próprio em Lisboa, realizando *lookbook* e editoriais de moda para diversas marcas. E mais. Muito mais. Fã que sou de cartinha 01, deixo os rastros para encontrar esse lindo fera: contato@alexxcosta.com, 351 937635731. E-mail: www.alexxcosta.com.



A amiga e cliente Susana Werner



Cliente que ficou amiga: atriz Oceana Basílio



Bárbara Taborda



Ana Rita Clara



Sérgio Praia



Victor Igoh

Que bacanaa!

Fotos João Neto - Natal

Os salões do Chaplin Recepções ganharam bela decoração com assinatura Hoje Tem Festa, som e iluminação da Helison, para a concorrida festa de Bebeto Torres, que celebrou três anos de columnismo social. Noite que reuniu Jet e Pib da capital dos magos-festeiros, regada a Old Parr, borbulhas e coquetéis com o grifo Zanzi. Ocasão com delicias Fátima Barros, som nas carrapetas com o DJ Pettros e Sax in The House. Para finalizar, show de Léo Ricci. Pense numa festa boa!



Bebeto Torres e os senhores Chaplin: Cláudia e Paulo Gallindo



Laurita Arruda e Henrique Alves



Susana e Ruben Fonseca



Júlia Arruda e Renato Quaresma



Maria Helena e Alexandre Arouca



Uianê e Artêmio Azevedo



Cyndra e Joacir Potiguar



DaGraça e Augusto Viveiros



Adriane e Weber Oliveira



Thacyanne Flor e Rubinho Potiguar



Gracita Lopes e Ciro Pedroza



Com a mãe Jussara e as irmãs Silvinha e Mara Torres Nóbrega



Onofre Neto com o casal Kalina Leite e Jader Gonçalves



Eliana Lima e Maria José Pacheco



Maristela e Vicente Freire



Milena Martins e Pedro Barreto



Deputada Cristiane Dantas e o governador Fábio Dantas

Fotos Alex Costa - De Lisboa

Com delicias assinadas por Ann-Kristin, chef de origem dinamarquesa que é sucesso em terras portuguesas, as designers de joias brasileiras Anna Cláudia Rocha e Ana Appolinário apresentaram em Lisboa, no alto da Av. Liberdade, a coleção D'Ouro da Ana Rocha & Appolinario, em parceria com a badalada estilista portuense Sophia Kah. Ocasão que reuniu chiques e estrelas portuguesas e brasileiras.



Toda linda, Anna Cláudia



Anna Cláudia Rocha recebe Ana Sofia Colaço Marques e Ana Cláudia Santos



A selfie de Patrícia Barreiro



A bela e estilosa Alexandra Bonte confere as peças Sophia Kah



Toda maquiador brasileiro sucesso em Portugal, Tom Perdigão e Viviane Rocha Leote



A anfitriã com Nina Pinho, Maria Eugênia, Fernanda Bessa e Alexandra Pinho



Viviane Poiato, Helena Degasperi, Silvana Lamberti



Anna Cláudia recebe a designer Carla Marques, capa da edição anterior da Bzzz, que abriu em Cascais a Maison Maurice



Embaixadoras Ana Rocha & Appolinário, as belas Ju Flor e Cláudia Gallindo



Anica Pacciotta, Paula Paz Dias, Olga Gonçalves



Com Alexandra Pinho Nina Pinho, Nidia Sabba, Ju Flor, Luciana Meira Lins



Eliana Lima veste Juraci Lira



Com a empresária e modelo Elen Capri



Ana Appolinário entrega à Cecilia Tinoco a surpresa preparada pelas filhas Cica Tinoco e Agla Dondo: flores e um belo par de brincos da nova coleção



Graziela Araújo, Zélia de Paula, Ju Flor



Zélia de Paula, Ysnara Almeida, Maria do Carmo, Beta Almeida



Ju Flor a e filha Nicolí Elali



Sílvia Miranda, Tereza Tinoco, Graziela, Elizabeth, Ju, Helena, Ana Augusta de Paula, Cláudia, Zélia



A selfie de Leila Mota do Amaral

Brindes Lisboetas

Fotos Alex Costa

No exclusivíssimo JNcQUOI Club, em Lisboa, a natalense Juliana Flor recebeu amigas brasileiras e portuguesas para festejar grito de felicidade em almoço com lugar marcado. Após dos parabéns, as convidadas bailaram no chiquinho ambiente de bar e terraço ao som de DJ e efervescência de champanhe.



Parabéns pra você!



O carinho da herdeira lindinha Nicole Elali



O carinho da amiga Anna Cláudia Rocha



De Salvador, três gerações: Isabela e Nicole Dantas, Teca Martins



Ysnara Almeida e a lindinha Clara



Débora Dore



Paulo Calvino e Helena Degasperi



Com Isa Nóbrega, Leita Mota do Amaral e Elizabeth Almeida



Ana Cláudia Santos, Nancy Esteves e Fátima Magalhães



Com as soteropolitanas Helena Degasperi e Silvana Lamberti



Eliana Lima e a apresentadora Inês Simões



Zélia de Paula



Marta Champalimaud e Carla Turton



As designers de joias brasileiras
Anna Cláudia Rocha e Ana Appolinário
com a estilista portuguesa Sophia Kah



Com Cláudia Gallindo



Maria do Carmo



A amiga Cecília Tinoco



Ana Barroso, Rita Morais Pequeno, Leninha Pinho,
Patrícia Brandão, Alexandra Romão, Ione Rangel



Mães e filhas: Nicole e Ju
com Alexandra e Nina Pinho



Laura Vuong



Mulheres chiquinhas e perfumadas



Com Patrícia Barreiro

Tiara e mantilha

Fotos Paulo Lima/Brasília

No altar da bela e histórica Igreja de Santo António do Estoril, em Portugal, o empresário espanhol Luís Henriques Pérez e a advogada madeirense Mariana Baptista juraram amor eterno. Após as bênçãos, os noivos receberam em grande estilo no Hotel Palácio Estoril, com tilintares de Moët & Chandon e jantar à inglesa. No palco, a cantora portuguesa Ágata levou os convidados aos requebros. E a Bzzz esteve presente nesse momento lindo.



Luís Henrique e Mariana Baptista



Zaida Mendes, Ana Rebelo, Nuno Santos



Luís Varela de Bragança, Manuel Borges, Julio Parejo



Joana Martins e Duarte Miguel Freitas



Emily Aguiar e Pedro Martins



Os bons amigos Xavier Guerra e Lili Caneças



Nos embalos do dancing, os brasileiros natalenses Alex Costa e Eliana Lima com Lili Caneças



Rosarinho Castel-Branco Sommer e Paula Veiga



Sandra Fernández, Julio Parejo, Ana Santamaria



Ágata Félix e António Leal e Silva



Alex Costa, Eliana Lima e Nuno Santos ladeiam a noiva Mariana



Tatiana Breisky e Isabel Nogueira



António Maximino e os noivos



A bela Yupi Chic Margarida Carvalho



Mario Abad e Henriqueta Paredes

Véu e grinalda

Fotos ???????

O belo Espaço Di Trento foi cenário do sim do produtor André Dantas e a empresária Tatyana Nunes, sob as bênçãos do padre Sávio, diante de 400 convidados. Rosas brancas e ramagens deram o tom da decoração assinada por Luciano Almeida. Noite regada a Chivas, Chandon, coquetéis Zanzi e Red Bull. Fátima Barros abalou no bufê, com direito a preparo na hora de massa no Grana Padano. Nos dois palcos, som para dançar nos embalos famosos de Leo Santana, Pedro&Erick, Ericland, Limão com Mel e Rafa Mesquita com participação de Rai Saia Rodada, Henry Freitas, Luan Estilizado e Bizay



Amor eterno



Mães dos noivos, Edlúcia Dantas e Maria de Fátima Nunes levam a Sagrada Família ao altar



A celebração



Sob as bênçãos do padre Sávio



Após as bênçãos, São Pedro liberou as torneiras



Com o pai José Maria



Tatiana segue para o altar com o país Maria de Fátima e Luiz Nunes



A mãe Edlucia Dantas leva o filho para o sim



Será que os noivos se divertiram? No palco do Léo Santana



A noiva canta no palco com Edson Lima, da banda Limão com Mel



E foi animação



André e Edson Lima, da banda Limão com Mel

É possível melhorar a estrutura fiscal e federativa do Brasil?



ANDRÉ ELALI
Professor Associado de Direito Tributário da UFRN
Doutor em Direito Público com Estágio e Bolsa de
Pesquisa do Max-Planck-Institut für Steuerrecht
Visiting Scholar da Queen Mary University of London

Em todo ano eleitoral, a sociedade brasileira se submete a numerosas promessas políticas. Uma grande parte destas, entretanto, é o que se chama de comunicação panfletária, uma mistura de superficialidade e hipocrisia. E como explica a Teoria dos Sistemas, com um ruído na comunicação, os problemas do sistema social continuam se repetindo. É o que ocorre, reiteradamente, no Brasil.

O Brasil é um dos Estados Federados do mundo que tem o maior número de distorções e isso se explica por sua formação peculiar. A federação brasileira tem aproximadamente 5.700 Municípios, sendo que quase 2.000 são inviáveis quanto à autonomia financeira, pois geram uma despesa pública altamente ineficiente.

Isso acaba impondo um gasto público que mantém estruturas políticas caras (Câmaras e Secretarias de questionável eficácia) sem viabilidade. Com isso, tais entes não atingem, muitas vezes, os objetivos sociais e econômicos locais. Geram custos para os demais entes e a sociedade paga essa conta.

O sistema de repasses constitucionais, que deveria ser o ajuste fino do federalismo, é visto como o único fator que garante a existência dos municípios deficitários e vem se sobrecarregando diuturnamente pela ausência de equilíbrio. Esses entes, não raramente, se tornam parte de uma repetição da política e do status quo ante. Viram parte do “jogo político”: sobra discurso e falta técnica.

O efeito dessa estrutura federativa – altamente distorcida – é uma manutenção de desigualdades, em todos os níveis: sociais, regionais e setoriais. A concentração de receitas continua nos Estados mais desenvolvidos. A União continua com enorme centralização em

face dos incentivos fiscais com impostos (com repartição) e aumento constante de contribuições. E a sociedade se sujeita aos problemas do Estado Fiscal conjuntamente com as dificuldades que o mercado impõe. Como elementos intrínsecos, os erros do Estado geram falhas de mercado e vice-versa.

Logo, a tributação, como instrumento de sustentação financeira, acaba tendo que “cobrir” essa elevada despesa pública, com aumento da pressão fiscal sobre pequenas e médias empresas e o consumidor, sobretudo em regimes fiscais regressivos e injustos. Com isso, não se concretiza a sonhada “justiça fiscal”, que não pode se basear em meras ideologias, mas que deve se lastrear em políticas públicas racionais e lógicas.

O Estado Fiscal, portanto, há de resolver seus problemas federativos antes de tudo. Nenhum discurso superficial será capaz de atender às demandas sociais e à necessidade de uma infraestrutura econômica que respeite os princípios básicos da economia (racionalidade, eficiência e utilidade).

Uma reformulação federativa não é um tema novo, mas continua sendo a causa da maior parte dos problemas e falhas do que vemos. Políticas de controle não são suficientes para resolver tal estrutura. Elas precisam ser complementadas com a correção de falhas que impedem o Brasil de exercer a sua liderança e eliminar a pobreza. Apenas com isso, poderá o Estado melhorar o seu sistema tributário, tema instrumental. Afinal, de nada adianta mudar a tributação se o elevado custo federativo continuar igual. Há de se implementar um método de transição dos entes federados dependentes. Fica a reflexão em mais um ano de políticos panfletários.

Nós acreditamos que informação e trabalho podem mudar a economia do RN!

O levantamento de dados sobre as diversas áreas da nossa economia é a ponte estratégica até as soluções.

Para quem visa empreender, o nosso portal também é um campo fértil para o seu plano estratégico.

Acesse:

www.maisrn.fiern.org.br

conheça o nosso programa e como ele pode te ajudar!

INFORMAÇÕES
PARA

VOCÊ
AVANÇAR



FIERN

VENHA SER SICREDI E USE SUA ENERGIA PARA ACREDITAR NO FUTURO. O RESTO, DEIXE COM O SOL.



Nosso cooperativismo de crédito prioriza o que é melhor para o associado, mas sem esquecer a comunidade e a terra potiguar. Por isso, um dos nossos produtos principais é o **Financiamento para Projetos de Energia Solar**, que garante taxas competitivas, parcelas menores ou iguais às faturas de energia elétrica e agilidade na aprovação do crédito.

No RN, 700 usinas já contrataram este financiamento da **Sicredi Rio Grande do Norte**, beneficiando-se com muito mais economia e sustentabilidade ambiental. Além disso, o prazo de pagamento é de até 10 anos, sem ajuste da ANEEL e com média de 5 anos para o *payback* do investimento. A cada novo dia, o associado Sicredi tem motivos de sobra para acreditar no futuro. E, se quiser, tem **energia de sobra** também.



JUNTOS SOMOS MAIS. SOMOS SICREDI.

www.sicredi.com.br/riograndedonorte

